

M I G U E L T O R G A

ANTOLOGIA
(DIÁRIO)

Extractos relativos a Terras de Bouro

2.ª Edição

Organização e apresentação de
ANTÓNIO AFONSO

Edição
Câmara Municipal de Terras de Bouro
1999

ANTOLOGIA

(DIARIO)

Extractos relativos a Terras de Bouro

| | |
|-------------------------------|--|
| TÍTULO | ANTOLOGIA (Diário) Extractos relativos a Terras de Bouro |
| AUTOR | Miguel Torga |
| NOTA PREVIA | Dr. José António de Araújo |
| APRESENTAÇÃO E ORGANIZAÇÃO | António José Ferreira Afonso |
| PREFACIO | Dr. José Manuel Mendes |
| EDIÇÃO | Câmara Municipal de Terras de Bouro |
| TIRAGEM | 1.500 ex. |
| DEPÓSITO LEGAL | 96708/96 (1. ^a Edição) 140161/99 (2. ^a Edição) |
| DATA DE SAIDA | 17 . Janeiro . 96 — 1. ^a Edição 25 . Agosto . 99 — 2. ^a Edição |
| EXECUÇÃO GRÁFICA | Barbosa & Xavier, Lda. - Artes Gráficas Rua Gabriel Pereira de Castro, 31-C Tel. (053) 23063/618916 - Fax (053) 615350 4700-385 BRAGA |

M I G U E L T O R G A

ANTOLOGIA (DIÁRIO)

Extractos relativos a Terras de Bouro

2.^a Edição

Organização e apresentação de
ANTÓNIO AFONSO

Edição

Câmara Municipal de Terras de Bouro

1999

A razão e o instinto hão-de acabar por dizer-lhe que todas as flores artificiais do mundo plástico não valem um lírio dos campos, que todas as químicas laboratoriais não valem a fermentação de um carro de estrume, que todos os apitos imperativos do progresso não valem o som cordial de um chocalho.

MIGUEL TORGA

NOTA PRÉVIA

Miguel Torga morreu faz agora um ano e, não obstante o vulto que foi, e continua a ser, das letras portuguesas, parece-nos que não tem sido alvo de justas homenagens. Talvez o seu carácter de não dar importância aos jornalistas «que tudo podem. Que fazem e refazem reputações, decidem sobre política, acreditam e desacreditam as obras literárias que não leram ou não souberam ler, condicionam os reflexos da humanidade», ou aos políticos que se queiram aproveitar da sua imagem junto do público— «de todos os lados o pesadelo das mesmas solicitações e pressões para entrar no jogo sujo das conivências e cumplicidade» —, tornaram-no *persona non grata* para muitos.

A Câmara Municipal, na senda da sua actividade editorial que desde há alguns anos vem operando, pretende, com esta homenagem, fazer justiça a um homem que muito amou esta terra. Na verdade, Torga, porque conviveu com o povo de Terras de Bouro, percebeu, como ninguém, os dramas que o atormentavam, desde os problemas decorrentes da existência da fronteira até ao extermí-

nio de uma das últimas aldeias comunitárias do país; sentiu, como só um português de coração simples sente, a tragédia das pessoas cujos bens foram expropriados a troco de ninharias; compreendeu, como só quem viveu situações de revolta compreende, a revolta das populações contra os Serviços Florestais que lhes haviam usurpado os montes onde, desde tempos imemoriais, apascentavam as suas vezeiras «de onde tiravam o melhor da alimentação — o leite, o queijo e a carne — e alicerçavam a economia — a lã, as crias e as peles».

Por tudo isto, e pelo apego e sentido apurado na defesa do património ambiental que o levava a rejeitar toda a intervenção humana que descaracterizasse a serra; pela maneira carinhosa e ternurenta com que tratava os naturais, ele que era um homem austero e tenaz; pela emoção com que se refere a estas montanhas e que deixa transparecer nos seus melhores poemas aqui escritos, é, para a autarquia, uma grande honra poder editar esta *Antologia* de textos relativos ao concelho, os quais, estamos certos, todos lerão com grande prazer.

Terras de Bouro, 5 de Janeiro de 1996.

O Presidente da Câmara
(Dr. José António de Araújo)

APRESENTAÇÃO

A Câmara Municipal de Terras de Bouro aprovou, na reunião de 26 de Janeiro de 1995, a primeira após a morte do poeta Miguel Torga, a seguinte proposta:

«Morreu, no passado dia 17, Miguel Torga, um dos maiores escritores da actualidade e, como muito bem refere o jornal *Le Monde* na sua edição do passado dia 20, aquele que mais profundamente se identificava com Portugal.

O seu valor é inquestionável, quer em Portugal quer além-fronteiras. A atestá-lo, os vários prémios atribuídos — foi o primeiro vencedor do Prémio Camões, o mais importante que se atribui nos países lusófonos —, as três candidaturas ao Prémio *Nobel* da Literatura, as múltiplas reedições da sua obra e, *post mortem*, as várias homenagens de que tem sido alvo, entre as quais me permito salientar três: o minuto de silêncio no Parlamento Europeu, em Estrasburgo, no dia 18; o dia de luto nacional, no dia 20 e a página que o prestigiado jornal francês, *Le Monde*, lhe dedicou.

Sendo Torga cidadão do Mundo, encontrava-se, todavia, muito ligado ao concelho de Terras de Bouro, mais concretamente às Caldas do Gerês, de que era um frequentador assíduo desde Agosto de 1942, e a toda a zona envolvente constituída pelas serras do

Gerês e Amarela. Desde sítios extremos como o Altar de Cabrões, o Borrageiro, a outros mais frequentados como a Pedra Bela, a Bouça da Mó, Vilarinho da Furna, Vilar da Veiga e S. Bento da Porta Aberta, todos têm um lugar muito especial na sua obra, pois foi nestas paragens que escreveu algumas das mais belas páginas do seu *Diário*.

Poeta amante das montanhas e vivendo uma empatia perfeita com a serra que o levava a definir-se como «uma montanha comprimida» e a sentir-se perdido na cidade, calcorreou, durante cerca de quarenta anos, os montes de Terras de Bouro.

Considerando que Miguel Torga, sendo um homem bom, sem ser piegas; um homem culto, sem ter nascido em berço de oiro; compreensivo, sem ser paternalista; simples mas lutador incansável, encarna o tipo do terrabourense, **proponho:**

a) Que a Câmara aprove um voto de pesar pela sua morte;

b) Que a Câmara promova a publicação de uma edição especial com as passagens do *Diário* relativas ao concelho de Terras de Bouro;

c) Que se atribua o nome de Miguel Torga a uma rua/avenida na Vila do Gerês;

d) Que, em articulação com a direcção do P.N.-P.G., se coloque, na Pedra Bela, junto ao miradouro, uma pedra com o poema *PÁTRIA* que aí foi escrito em 20 de Agosto de 1942, e que passo a transcrever:

«PÁTRIA

Serra!
E qualquer coisa dentro de mim se acalma...
Qualquer coisa profunda e dolorida,
Traída,
Feita de terra
E alma.

Uma paz de falcão na sua altura
A medir as fronteiras:
— Sob agarra dos pés a fraga dura,
E o bico a picar estrelas verdadeiras...»

(*Diário II*, p. 57)

Terras de Bouro, 26 de Janeiro de 1995.

O Vereador

(ass. António José Ferreira Afonso)»

Aprovada por unanimidade, procuramos, de imediato, passar à sua concretização. Em ordem à publicação da edição especial com as passagens do *Diário* relativas ao concelho de Terras de Bouro, entrámos em contacto com a editora do poeta, a Coimbra Editora, e, posteriormente, contactámos a Sociedade Portuguesa de Autores que, por ofício de 2 de Junho, nos autorizou a respectiva publicação mediante o pagamento simbólico de uma pequena quantia, a título de direitos de autor, e a oferta de alguns exemplares da edição.

Na organização desta publicação, respeitámos o texto original, procurando complementar com notas de rodapé alguns dados que o autor incluiu na reedição do *Diário*, como as referências aos anos a que respeitam. Restringimos, todavia, a nossa interferência

a um ou outro esclarecimento que achámos pertinente para uma melhor compreensão do texto.

Procurando situar esta edição dentro da filosofia da simplicidade e sobriedade que sempre norteou a publicação dos seus textos, escolhemos a mesma espécie de papel, os mesmos tipos e apresentação sem aparar.

Os textos encontram-se organizados por *Diário*, a seguir a cuja indicação colocámos o período de tempo a que esses escritos dizem respeito. Os excertos utilizados, de acordo com o solicitado pelos herdeiros do autor, foram retirados das últimas edições.

Queremos, por último, agradecer à viúva do poeta, a Prof.^a Doutora Andréa Crabbé Rocha, e a sua filha, as facilidades concedidas, bem como ao poeta José Manuel Mendes que aceitou colaborar nesta obra, e a todos aqueles que, de alguma maneira, contribuíram para que esta edição fosse uma realidade.

PREFÁCIO

A HARPA DO FUTURO

Miguel Torga, meu Amigo

Sento-me a olhar o riacho: como quem procura nas linhas da mão o primeiro oiro da perenidade. Venho de sítios que nunca tão fundo aprenderia sem o seu jornal de desbravador, o seu roteiro de pensamento e emoções. O banco do Ramalho, por exemplo. Ou Vilarinho da Furna, memorial de uma harmonia degolada. A Serra Amarela: onde ainda se acoitam corças e javalis, robles druídicos, trovas de azevinho. Trago nos sentidos o que não empardece: fragas, fontes, sorrisos de crianças, um neto apócrifo do João Cantador falando-me dos rituais do agro, gente com adágios e um coração doando-se a cada enleio ou sobressalto. Há horizontes que continuarão à espera do seu bordão de andarilho: perguntam por si e o tempo regressa ao fulgor da origem, tudo sucede no instante de uma convocação, em nenhum crisol do passado ficou retida a voz que predica o alvorecer.

Vai quente o Verão. A estância não tem os rumores de outrora. O vento enruga as

águas, andam sombras de entardecer prelu-
diando o silêncio e a lua. As termas perderam
devotos, busca-se a cura nos fármacos da
última geração. Contudo, vejo homens e mu-
lheres que se movem com unção entre marca-
ções terapêuticas, ícones empalidecendo ao
acaso das conversas. Um deles podia ser o
meu pai em 1945: ali, a observar as folhas
de tília pelo chão, os revérberos da lembrança.
Antes de dormir irá escrever uma carta: papel
de linho, palavras afeiçoadas no barro de que
se fazem os pássaros e as saudades. Espreita
as horas, é um rosto a arder em melancolia.
A mesma com que, certa vez, subi as escadas
do seu consultório, convalescendo de doença
hepática. A chuva além das janelas, sobre o
Largo e o Mondego, o frenesi das ruas. Levava
aos ombros a pedra da finitude, chegara de
uma grande desordem e mal reconhecia a
leveza do mundo. Antes que a literatura fosse
de novo a nossa viagem, saíra na China uma
tradução de «O Senhor Ventura», recorda-se?,
quis examinar-me. Trabalho moroso, os dedos
rastreado no fígado quaisquer vestígios de
lesão. Quando, por fim, a alegria lhe coloriu
o semblante, confirmados os valores e as indi-
cações das análises, intimou: Uma estada no
Gerez.

Vim e voltei. Pelo gosto da paisagem, cuja fisiologia estudo nos seus livros, por estes dias contra a nevrose do quotidiano, hoje saturado de burundanga tecnológica e incomunicação. Nas Terras de Bouro, que possuem a magia do ínfimo e da vastidão, não desfiguraram em excesso os lugares do encantamento. Podemos calcorrear a geira romana, colher o granizo cálido das árvores, cobrir a nudez do sol numa quelha de Pé de Cabril. Atravessar reminiscências e fronteiras sem o acinte da precaridade. Ouvem-se foguetes e concertinas, bombos, ferrinhos. Os povos renovam velhos cancioneiros, líricas e chistes, epifanias de passagem. Haverá sempre, bem sabe, quem nos conte estórias: partos, justas, enredos, assombrações. E nos dê coretos de feira, pífaros, máscaras do demónio. Sonhos esculpidos na lama. Quem trepe ao cimo dos mastros ensebados da vida. Ladram cães. Uma avó vestida de negro entorna estrelas na palha porque, à noitinha, dois bezerros vão nascer.

Aqui tenho fragmentos do «Diário» geresiano: registos de ideias e afectos, momentos especulares de uma personalidade. Em prosa ou verso, imagens que fixam o irrepitível, questionam, anunciam. Notícias da luta por uma humanidade livre, um poder equânime.

Retábulos da solidão, do alumbramento e da ternura. Imprecações, gestos de partilha. A íntima inquietude, a dor e a grandeza dos simples. Leituras, rebeldias, o tumulto da criação. E os itinerários que agora recorreremos sob a sua égide irradiante, da Calcedónia a Castro Laboreiro, de São Bento da Porta Aberta à Bouça da Mó, à Borrageirinha, pelos quatro cantos de um espaço cativo da luz que lhe conferiu. Surpreende-nos a harpa do futuro e, não raro, o impossível acontece. Aproxima-se, vinda do Parque, uma jovem nórdica de vídeo em punho. Filma o açude, as casas que sonolentam na margem do ribeiro, a rosa do crepúsculo. Depois, já na cadeira a meu lado, põe-se a tocar ocarina. São vésperas de trigo, tribos de aves revoando. Com elas o saúdo. Bom centenário e, como a outro propósito me ocorreu, longos anos de eternidade feliz!

Abraça-o, até breve,

o seu

José Manuel Mendes

Gerês
2007. Agosto, 12.

DIÁRIO II

(De 3 de Setembro de 1941
a 16 de Maio de 1943)

Gerez, 15 de Agosto de 1942.

AEGRI SURGUNT SANI

Este latim é pau para toda a colher.

Gerez, Banco do Ramalho, 17 de Agosto de 1942—
Deste monstruoso sofá em que a posteridade transformou uma singela pedra onde o bom do Ramalho costumava sentar-se, e com um sol melancólico a cair ao longe sobre o Cávado, penso na crueldade do destino para com certos homens e certos países. Então o saudável autor das *Farpas*, o higiênico caixeiro viajante do bom gosto pátrio, não mereceria num recanto da sua terra, onde ele leu, escreveu e descansou, outra coisa que não fosse um mausoléu?! Pois não seria mais puro, mais leal e mais de acordo com o que ele nos ensinou, deixar neste sítio a mesma lage que o conheceu, do que lavrá-la, pôr-lhe uns tocheiros em cima, e fazer dela, que foi possivelmente uma almofada sideral, a triste e agoirenta sepultura que se vê?!

O culto de um homem superior não deve ser nunca uma intromissão da nossa mesquitez na pureza das suas pègadas. Quando se não é capaz de mais, o chapéu na mão... e as próprias fragas como ele as deixou.

Gerez, Pedra Bela, 20 de Agosto de 1942.

PÁTRIA

Serra!

E qualquer coisa dentro de mim se acalma...

Qualquer coisa profunda e dolorida,

Traída,

Feita de terra

E alma.

Uma paz de falcão na sua altura

A medir as fronteiras:

— Sob a garra dos pés a fraga dura,

E o bico a picar estrelas verdadeiras...

Gerez, 23 de Agosto de 1942 — Não queira coisas impossíveis, — dizia-me hoje uma mulherzinha que andava na serra à lenha, quando eu tentava subir a uma penedia inacessível.

— Quero, quero! — respondi-lhe, obstinado.

Ela então olhou-me com uns doces olhos de ovelha tosquiada pela vida, e sorriu melancolicamente. Depois, pôs o molho à cabeça, e partiu.

E eu fiquei-me o resto da tarde ali, a ver cair o sol e a pensar em que sonho irrealizável teria aquela alma simples posto um dia o desejo, para com a sua desilusão formular uma frase tão carregada de renúncia e amargura.

Gerez, 24 de Agosto de 1942 — Mas porque não deixa você de escrever durante uma temporada, para descansar? — perguntava-me hoje alguém.

— Porque era a mesma coisa que um crente deixar de rezar um mês ou dois, por higiene.

Gerez, 25 de Agosto de 1942.

ÁGUA

Água a correr na fonte.
Uma quimera líquida que sai
Das entranhas do monte
A saber ao mistério que lá vai...

Pura,
Branca, inodora e fria,
Cai numa pedra dura
E desfaz o mistério em melodia...

Gerez, 26 de Agosto de 1942.

CONDENAÇÃO

Toda a manhã o lírico pagão,
O animal sensível que em mim olha,
Olhou, olhou, cheio de comoção,
Uma folha.

Era de tília a mágica verdura.
Larga, quieta, ao sol, vivia.
E a viver assim dava frescura
A quem da terra seca lha pedia.

Nisto, não sei que maldição soprou,
Ou que Deus demoníaco sorriu,
Que toda aquela calma se agitou
E caiu.

Gerez, 27 de Agosto de 1942 — São cinco horas da manhã, mas não posso dormir. Choveu muito estes três dias, e um pobre ribeiro turístico que passa debaixo da janela do meu quarto canta pelas fragas fora que é um regalo ouvi-lo. Além disso estou numa daquelas noites de consciência universal — à minha escala, claro está — em que tudo me bate à porta e pede compreensão e amor. No repouso do leito, o mundo como que deixa de ter o seu cheiro fétido, e a vida chega à nossa razão, calma, clara, perene e grande. Coisas triviais erguem-se da sua mesquinhez, e é na morna quentura dos lençóis que, por exemplo, nos sabe inteiramente um largo passeio dado há cinco ou vinte anos, na companhia querida de alguém, ou na doce solidão dum desespero. O silêncio da noite clarifica pormenores que chega a parecer milagre que tivessem tanta pureza. O que eu vejo agora de quanto cuidei ver pelo dia adiante! E como me surgem nítidas, prontas, certas comigo, respostas que não dei à tarde a um professor com quem discuti! Era um católico convicto, e aparafusávamos ambos, cada qual em sua direcção, o problema humano dos agónicos. Em dado momento, ouço isto:

— Mas porque é que os senhores não são mais cómodos, não dirigem os passos para uma solução positiva, em vez de os dirigirem para uma solução negativa?

Estava calor, as pernas vergavam-me de cansaço, e, creio que por solidariedade com elas, o resto do corpo era como que uma ilha de desespero no mar do espírito, a pedir sossego. Por isso, calei-me. Mas agora, quando todas as células gozam do mesmo peso do cobertor, o que eu saberia responder àquela pergunta! Havia de explicar calmamente ao professor que o homem é sobretudo vocação. E que, em matéria de felicidade construída, a coisa é muito semelhante ao que se passa nas insónias como a que tenho neste momento. A gente bem faz por que o sono venha. Põe-se calado à espera dele, a desejá-lo, a atraí-lo, a espiar-lhe os passos. Qual o quê! Só mesmo quando de todo nos encontra distraídos é que o malvado esquivo vem, se vem.

Havia de lhe falar assim, para que ele, que é um homem feliz, e certamente dorme enquanto eu estou aqui a escrever isto, soubesse duma vez para sempre que tanto se pode nascer com sina de Kierkegaard como com sina de Jesus Cristo.

Gerez, 30 de Agosto de 1942.

PARÁBOLA

No silêncio do parque abandonado
O repuxo prossegue a sua luta;
É um desejar alado
A sair duma gruta.

Ergue-se a pino ao céu como uma lança;
Ergue-se a pino, e sobe na ilusão;
Até que a flor do ímpeto se cansa
E cai morta no chão.

Mas a raiz do Sonho não desiste;
Subir, subir ao céu, alto e fechado!
E o repuxo persiste
Na solidão do parque abandonado.

DIÁRIO III

(De 20 de Maio de 1943
a 14 de Agosto de 1946)

Gerez, 25 de Julho * — Aqui apresento ao leitor benévolo o João Cantador, ou seja o Nijinski do Minho. Nasceu em Rio Calvo **, nunca foi vencido em desafios de cavaquinho e de malhão, funda na Bíblia as suas réplicas, e é de verdade um bailarino extraordinário, único, que só a nossa incultura consente se perca por estas serras a embebedar-se com vinho verde.

Gerez, 26 de Julho — A máxima desilusão destas curas senti-a eu hoje ao ouvir um velhote dizer isto:

— Quando aqui vim pela primeira vez, as moscas mordiam-me nas pernas; agora mordem-me na careca.

* Ano de 1943.

** Embora tivesse fixado residência na freguesia de Rio Caldo após o casamento, João Cantador era natural do lugar de S. Miguel na freguesia de Caniçada, Vieira do Minho.

*Vilar da Veiga, Gerez, 5 de Agosto** — Uma romaria do Minho, sem balões, sem pauladas e sem cavaquinho. Um rádio de Braga a tocar o *Mercado Persa*, o *Plymouth* de um dos abades à porta da ermida, e o prior da paróquia já esquecido da palavra Renascença. O que valeu foi uma tendeira contar ali ao natural um parto que teve no alto da serra, dentro dum palão. O canivete do marido cortou o cordão umbilical, depois de laqueado com as linhas de um botão de casaco, e o miúdo ali estava, são e escorreito, como a única nota viva e santa da festa.

Gerez, 6 de Agosto — Disse hoje isto a uma destas senhoras que vem aqui tratar da icterícia:

— Olhe, eu tenho mais respeito por um animal do que por vocês. Ao menos uma cadela pare, amamenta os filhos, não tem vícios e é natural. Vocês passam a vida a levantar ou a abaixar a saia conforme as ordens de Paris, a pôr na cabeça quantas parvoíces vos lembram, e, sobretudo, a exhibir um sexo imundo que, para limpeza da humanidade, devia ser cosido com uma agulha de albarda.

* Ano de 1944.

Gerez, 7 de Agosto.

EMBALO

Sono ao cantar das águas, ópio leve
A quem se empresta à vida...
Brando Deus que nos compra e que nos deve
À nossa Deusa mãe adormecida.

Frescos, os sonhos passam
Na tela etérea e branca das espumas...
Frescas mãos de ninguém os amordaçam
E apagam nos abismos e nas brumas.

Um pesadelo só de vez em quando:
E se o Deus adormece?
Mas o Deus acordado vai cantando
A música imortal que nos merece...

Altar de Cabrões, 9 de Agosto — Estou a 1536 metros, perto do céu, a ver o Barroso, o Marão, a Peneda, a Serra Amarela e o Lindoso. Estou sentado num marco que separa Portugal de Espanha, mas o sítio chama-se Altar de Cabrões e foi, como se vê, o olimpo de majestades cornudas, a ara de que só restam nomes e cascos. Cada vez sei menos de rezas e de santos. Mas quando pressinto pègada do velho Endovélicos, tenho logo vontade de me prosternar e benzer. O catolicismo, sem o Cristo querer, encheu este mundo de cruzes e água benta. Ora estes nossos patrícios deuses de chifres eram portadores de uma virilidade mágica, que não nega nem degrada a natureza. Nada de agonias lentas e madeiros de cedro. Água, frutos, sol, e uma divindade fundamentada na verdade feiticeira das coisas.

Gerez, Bouça da Mó, 23 de Julho * — Vai daqui a Roma sem parar... — garantiu-me o guarda florestal, a mostrar-me pela serra fora o piso aliciante da geira romana.

— Vai... Vai... — respondi-lhe eu, a tirar da esperança universal de que todos os caminhos vão dar a Roma uma filosofia sem complicações.

O rio Homem (que assombroso nome para um rio!), em baixo, passava no seu calvário de carne e osso; do lado de lá, a serra Amarela erguia-se abrupta, com as suas casarotas enigmáticas no alto; sobre a minha cabeça, hirto, pendia o pico do Cabril, de maneira que nenhuma metafísica era possível ali.

— E que tal esta solidão? — quis saber eu.

— Triste... — respondeu o eco de um queixume. — Sempre aqui neste ermo...

«Vai daqui a Roma sem parar», pus-me a reflectir outra vez. E percebi então, de repente, a sedução mágica dos caminhos e o desespero amargo das sentinelas.

* Ano de 1945.

Gerês, Vilarinho da Furna, 25 de Julho — Todo o dia pela Serra Amarela, a percorrer vezeiras, a visitar fojos de lobos e a quebrar a cabeça no enigma de quinze ou vinte casarotas perdidas numa chapada, que ou são túmulos de uma grande necrópole celta, ou habitações pastoris de verão, ou acampamento de tropas romanas, ou armadilhas que o diabo pôs ali para tentação das almas ignorantes. Não sei se alguém de saber já por lá passou e viu aquilo. Uma inscrição em caracteres estranhos vai-se apagando no granito, os pastores vão atirando ao chão as lajes que cobrem os dolmens ou as construções, e daqui a algum tempo não restará de todo o mistério nenhum sinal. Mas talvez seja melhor assim. Os mistérios são o alimento natural do tempo. E quando os anos os digere, fica tudo em paz.

A Serra Amarela é um dos ermos mais perfeitos de Portugal. Situada entre o Gerês e o Lindoso, as suas dobras são largas, fundas e solenes. Sem capelas e sem romarias, cruzam-na os lobos, os javalis e as corças. A praga dos pinheiros oficiais ainda lá não chegou. De maneira que mora nela o sopro claro das livres asas e o riso aberto dos grandes sóis. Não há estradas, senão as da raposa matreira, nem pousadas, senão as cabanas dos pastores.

É o Portugal nuclear, a Ibéria na sua pureza essencial e granítica. Um pé de azevinho aqui, urzes milenárias acolá, um carvalho numa garganta, — nenhum coração de entre Douro e Minho pode deixar de se sentir aquecido e reconfortado em semelhante chão. O guia, um contrabandista celta, loiro e de olho azul, é um manancial de saber caseiro, a cultura autêntica de um povo.

— O Senhor já viu nascer cabelo nas unhas? — pergunta-me ele.

— Não.

— Pois se não é sítio dele!

Isto por causa dos excessos e das incompreensões dos serviços florestais, que estão a matar o pastoreio e a reduzir algumas terras montanhosas à miséria.

— Vemos Deus com olhos que não temos... — diz a respeito da sua crença.

E ainda eu estou a apurar se foi o cura que lhe ministrou a fórmula ou se ela é pessoal, e já vem esta prevenção salutar:

— Deite-se na pedra, que é melhor! Olhe que uma fraga não respira! Na terra apanha uma carga de reumático...

A hora do almoço chegara, e eu ia-me atirar exausto ao chão.

Mas quando ele me assombra inteiramente, é à tardinha, ao cair da noite, no momento em que um grande rebanho comunitário de duas mil e quinhentas cabras entra na povoação, e do alto de um fraguedo me mostra o espectáculo. Está transfigurado. O pé do Cabril, a Borrageira, o Altar de Cabrões e a Calcedónia, ao longe, parecem deuses solenes, com as cabeças divinas envoltas na fofa bruma das nuvens. O vale do Homem, ao fundo, fértil, verde e brilhante, com lagos de água cristalina a reluzir de onde em onde, parece a terra da promessa. Um silêncio preservado rodeia tudo de paz. E o meu contrabandista, então, perde-se no meio de tanta grandeza e de tanta liberdade, e monologa:

— Acredite que não trocava a minha vida pela de nenhum rei! Gosto tanto destas peneiras, que, se me tirassem um pedaço a uma, dava conta!

Gerês, 26 de Julho.

LAR

Na copa da floresta o tempo tece...
Tece um ralo de sonhos a que molha...
Frémitos largos, cor do sol que desce
Boémio e loiro sobre cada folha.

Musgo no pé do que subiu mais alto.
A lenta e certa maldição dos limos...
Quem se liberta na ilusão de um salto,
Paga na terra a solidão dos cimos.

Porque a frescura do telhado verde
Tem um calmo destino:
Cobrir quem é de casa e se não perde
Nas malhas do seu sono de menino.

Gerês, 28 de Julho — Thomas Mann. Os *Buddenbrooks*. Um romance, mas sobretudo uma cultura. A propósito de uma tísica pulmonar ou de um negociante de cereais, este homem tem artes de nos meter num tal emaranhado de ideias, de conceitos, de cogitações, que a vida passa a ter não apenas o seu caudal de lances e de emoções, mas uma beleza maior, feita de fisiologia íntima do saber. Eu não sei se qualquer novela de terceira não terá mais vida física, muscular, um alento possivelmente mais cotidiano e mais aliciante. Aquela declaração de amor da *Montanha mágica*, feita através de uma radiografia, ou a descrição da febre tifóide, aqui, são flores que nascem de uma técnica literária magistral, mas, mais do que isso, de conhecimentos que hão-de sempre parecer-nos sagrados e secretos. Ai da humanidade quando de todo as suas pitonisas e os seus feiticeiros se forem! Com razão alguém chamou às artistas de cinema as deusas da nossa actual mitologia. Contudo, é um belo espectáculo ler um livro assim. Tem a gente a impressão de que toda a Grécia e toda a Europa se diluíram na caixa de compor da tipografia.

DIÁRIO IV

(De 12 de Setembro de 1946
a 3 de Abril de 1949)

*Gerez, 12 de Agosto **

ANIVERSÁRIO

Mãe:

Que visita tão pura me fizeste

Neste dia!

Era a tua memória que sorria

Sobre o meu berço.

Nu e pequeno como me deixaste,

La chorar de medo e de abandono.

Então vieste, e outra vez cantaste,

Até que veio o sono.

* Ano de 1948.

S. Bento da Porta Aberta, 13 de Agosto — O Minho inteiro neste paraíso, a satisfazer furtivamente o cio e sofisticadamente a devoção. A saciar a luxúria das maneiras mais inesperadas, e a dar voltas ao adro de joelhos almofadados. Onde o formalismo insiste, acaba a naturalidade e a religiosidade. Fica uma farsa compósita, nem bacanal inteira, nem crença profunda. O futuro dirá. Mas quantos mais espectáculos destes vejo, mais me convenço de que a humanidade há-de acabar por varrer da alma e do corpo certas tolices, como quem varre uma eira dos coanhos da ceifa. Que bela seria uma festa neste sítio, onde o divino fosse divino, e o humano, humano! Mas não se deve perder a esperança. Um dia isso acontecerá, certamente. E não é da ciência que espero a façanha. É do senso comum. O povo, porque já reparou que do liceu para cima ninguém faz promessas, que nunca se viu um doutor ou um bispo a rasgar as rótulas no granito — meteu almofadas. É, pois, crível que acabe por se erguer de todo da penitência que já não sente, e se divirta numa alegre e aberta luxúria báquica, se é isso que lhe apetece.

Gerez, Bouça da Mó, 15 de Agosto — Estou a vingar-me mais uma vez, a olhar esta Geira Romana e os seus marcos delidos. Estou a vingar-me de quantos Césares o mundo tem dado, convencidos de que basta mandar fazer calçadas e pontes, gravar numa coluna a era e o nome, para que a eternidade fique por conta deles. Os palermas! Pois venham cá ver a eternidade! Uma estrada mais larga e menos dura ao lado da velha, e as datas e os nomes apagados no granito.

Gerez, 17 de Agosto — Leitura maciça de alemães. Goethe, Schiller, Eichendorff, George... Mas estes diabos dão-me sempre a estranha impressão de que estão a fazer exercícios de aplicação literária numa alta academia. São geniais, e tudo, claro. Mas iguais e monótonos do princípio ao fim. Falta-lhes a originalidade inglesa ou a finura francesa, que falham aqui, atamancam acolá, mas rompem caminhos como bandeirantes. Estará a virtude deles na força expressional da língua que eu desconheço e que as traduções diluem e planificam? Seja como for, nunca até hoje pude sentir o clima desta gente.

Castro Laboreiro, 24 de Agosto — Estas pequenas comunidades que nos restam, Rio de Onor, Vilarinho da Furna, Laboreiro, etc., estão na última agonia. O Estado já não as pode tolerar, alheias à vida da nação, estrangeiras dentro do próprio território. Por isso manda-lhes ao coração o golpe de uma estrada e a isca da caminheta dum sardinheiro. E assim, um a um se vão apagando estes pequenos enclaves, não digo de paradisíaca felicidade, mas de humana e natural liberdade. Uma vida social assim, apenas acrescida de ciência e cultura, seria ideal. Antes de mais, o homem começou aqui por formar uma consciência cívica e fraterna, fundada em amor, e fez depois as reformas consoantes. Mas parece que se resolveu matar primeiro o homem e a sua harmonia espontânea, e construir então sobre cadáveres o futuro.

DIÁRIO V

(De 7 de Abril de 1949
a 10 de Fevereiro de 1951)

Gerês, 7 de Agosto * — Nada poderá escandalizar tanto o homem médio de hoje, o burguês que se considera, e é, a trave mestra do presente edifício social, do que a afirmação de que será precisamente ele o coveiro dessa caricatura a que chama civilização cristã. E, contudo, os factos falam por si. Embora cada época se queixe de que em nenhuma outra a degradação chegou a tal ponto, a verdade é que nunca, como agora, uma classe justificou tão completamente o seu fim. Pode-se dar a prova disso de todas as maneiras, mas é talvez na literatura que o caso se apresenta com maior evidência. Enquanto que no romantismo, por exemplo, o espírito era centrípeto, o poeta polarizando, com consciência própria e alheia, o clima moral e intelectual da sociedade em que vivia — um Byron a empolgar a Europa inteira e a ser a sua expressão —, nos nossos dias pode Sartre dizer mil verdades, que toda a gente se negará a reconhecer-se no que ele escreve,

* Ano de 1949.

a confessar que é assim negra e porca a sua vida. Uma grande, uma trágica onda de mistificação, tolda a realidade do nosso tempo. E o indivíduo — o médico, o advogado, o negociante, o funcionário — que tem a alma suja de mil cobardias, de mil aberrações e de mil compromissos, nega-se a reconhecê-lo, a ver n'O Muro a fotografia da sua inconfessada impotência ou secreta devassidão. O espírito deixou de ser um guia e um freio. Na medida em que o seu cristal é um espelho e uma acusação, desvia-se dele o rosto ou quebra-se. Todos querem navegar de luzes apagadas. O contrabando da vida faz-se na escuridão.

Enquanto o homem é capaz de se reconhecer nos próprios erros, o mal não é grave. A tragédia começa quando ele, relapso nos vícios e perversões, se vê no espelho da consciência um monumento de dignidade e de duração.

Então, Roma tem os dias contados, e o jogo vai começar de novo.

Gerês, 8 de Agosto.

PEQUENA PRECE

Vem, humilde canção,
Que humildemente espero.
Vem ao meu coração,
Onde te quero
E onde sei que te posso receber.
Vem, pequena ilusão
De viver.

*Gerês, 1 de Agosto *.*

A UM RIBEIRO INQUIETO

Canta,
Masculina sereia, com garganta
De pedra!
Abre um leque de som neste silêncio
De pesadelos...
Corta os negros cabelos
Da montanha,
E atrai a noite à perdição sonora
Do teu leito...
O poema imperfeito
E a solidão pesada
Sabem que a madrugada
Corre na voz molhada do teu peito!

* Ano de 1950.

Gerês, 7 de Agosto — O poeta?! Não diga mal dum desgraçado que espera tudo das palavras, e nada da vida.

Gerês, 8 de Agosto.

*Da minha saia amarela
Fiz as calças do meu home;
Com a alegria das calças
Há três dias que não come...*

O matriarcado minhoto provado por A mais B. Em Trás-os-Montes, se uma mulher se atrevesse a cantar uma destas, caía redonda no chão, esfaqueada.

Gerês, 9 de Agosto — Quanto mais percorro o país, mais me convenço de que ainda são os poetas que melhor sabem exprimir a nossa realidade telúrica e humana. Os mais belos quadros que possuímos da vida portuguesa, surpreendida nos seus vários aspectos, são trechos de poesia. Meia-dúzia de *Cantigas de Amigo*, pedaços do *Cancioneiro Geral*, composições de Camões, Diogo Bernardes, Cesário, António Nobre e Junqueiro, são documentos que deixam a perder de vista os poucos prosadores que tentaram a pintura de

costumes. Julgo até que será por essa razão, por haver na maioria dos poetas lusos uma sintonização tão perfeita com o foro íntimo dos leitores, que a poesia é ainda tão estimada entre nós. Na verdade, ninguém de boa-fé pode encontrar em Júlio Dinis ou em Eça uma autêntica aldeia ou faina portuguesas. A gente lê, e tudo aquilo é convencional como os postais de Natal que os nossos correios editam. Mas a ouvir a *Moleirinha*, *O Sentimento dum Ocidental*, a *Lusitânia no Bairro Latino*, estâncias de *Os Lusíadas*, ou mesmo certos poemas de Pessoa, eis-nos a reviver emoções que trazemos no sangue e no coração.

Diz-se com frequência que somos um povo de poetas. Somos. Porque assim o determinam razões obscuras de sensibilidade, ou porque um treino literário amadurecido em formas cada vez mais puras nos conduz de preferência para esse caminho, o certo é que só nos versos encontramos a voz condigna da literatura. Por isso, e compreende-se que assim seja, quem nos visita procura-nos sobretudo no Parnaso. É aí que mora a universalidade do nosso génio, justamente por ser a decantação do que temos colectivamente de mais específico e genuíno.

Gerês, Vale do Homem, 10 de Agosto.

A UM CARVALHO

Eis o pai da montanha, o bíblico Moisés
Vegetal!

Falou com Deus, também...

E debaixo dos pés, inominada, tem

A lei da vida em pedra natural!

Forte como um destino,

Calmo como um pastor;

E sempre pontual e matutino

A receber o frio e o calor!

Barbas, rugas e veias

De gigante.

Mas, sobretudo, braços!

Longos e negros desmedidos traços,

Gestos solenes duma fé constante...

Folhas verdes à volta do desejo

Que amadurece.

E nos olhos a prece

Da eternidade.

Eis o pai da montanha, o fálico pagão

Que se veste de neve, e guarda a mocidade

No coração!

DIÁRIO VI

(De 15 de Fevereiro de 1951
a 11 de Maio de 1953)

Gerês, 3 de Agosto de 1952.

ACORDE FLORESTAL

Ouço-os por instinto,
Sussurrantes pinhais!
Não entendo as palavras, mas pressinto
Que são poemas que me recitais...

Poemas simples, de raiz agreste,
Ondulada e discreta melodia
Que ressuscita e veste
O cadáver de cada penedia.

Gerês, 6 de Agosto de 1952 — Subida à Calcedónia, uma das coroas de glória cá da serra. A tarde estava como um veludo, e as fragas, amolecidas pela luz, pareciam broas de pão a arrefecer. Do alto, a paisagem à volta era dum achonchego de berço. Muros sucessivos de cristas — círculos concêntricos de esterilidade — envolviam e preservavam a solidão. Nas vezeiras, resignadas, as rezes esmoíam os tojos como quem ajeita um cilício ao corpo. E mais uma vez me inundou a emoção de ter nascido nesta pequena pátria pedregosa que é Portugal.

Há nessa condenação como que uma graça dos deuses. Também é preciso ser de eleição para merecer certas pobreza...

Gerês, 7 de Agosto de 1952 — O que salva o poeta é uma espécie de volubilidade visual, incorrigível. Como nunca vê com olhos automáticos, hirtos, rotineiros, pode, do mesmo ângulo e nas mesmas circunstâncias, estar sempre a descobrir novidades, aspectos inéditos numa paisagem gasta. E é o que me acontece. Ando aqui pela décima segunda vez como uma *kodak* maluca, incapaz, por capricho de fabrico, de seriar a vida. Cada disparo é mais um inédito desfloramento de luz.

Gerês, 8 de de Agosto de 1952.

PASSEIO

Olho as pedras roladas do teu leito,
Rio de sonho que me desafias
A cantar, a cantar noites e dias,
Como um velho poeta insatisfeito.

Pedras roladas, os teus versos brancos,
Jóias de inspiração
Arrancadas ao sono dos barrancos
E a brilhar no trajecto da canção.

Gerês, 10 de Agosto de 1952 — Excursão à Borrageirinha, uma soberba meda de granito erguida numa paisagem lunar, que não descrevo. Há certos recantos da natureza para os quais não existem palavras nem tinta. De mais a mais quando as circunstâncias que nos aproximam deles são, como as de hoje, de tal modo propícias que os transfiguram e tornam quase irreais.

Perfeitamente possesso da inexprimível grandeza que me envolvia, tirei-me da pequenez habitual e cometi naquele cenário imprevisto uma das loucuras mais bonitas da minha vida. Subi o fragão pelo seu lado menos acessível e mais perigoso. Os companheiros, aflitos, escoravam-me com os olhos. Mas apetezia-me uma façanha digna de tamanha majestade. E nada mais digno dela do que arriscar a própria vida.

Se há gente que eu entenda, é aquela que gasta a existência a escalar os Himalaias do mundo. Abismos invertidos em direcção ao céu, para os amar é que é preciso ter as asas de Nietzsche. Os triunfos, ali, conquistam-se nas barbas de Deus!

Gerês, 11 de Agosto de 1952.

LAMENTO

Porque paira tão alto o teu desdém,
Deus das velhas montanhas de granito?
Rasgo a carne a subir aonde o meu grito
Te diga a solidão que me devora,
E quando aí chego a rastejar, contrito,
É mais acima que o mistério mora!

Gerês, 12 de Agosto de 1952 — Quarenta e cinco anos. Numa solidão cortada por dois telegramas e dois postais, lá se passou mais este dia fatídico do meu aniversário. E digo fatídico, porque realmente o é todo aquele que assinala o nascimento de um poeta, mormente aqui em Portugal e nos tempos que vão. Desde que me conheço com alguma consciência que sinto isso. E sempre que me ponho a olhar do alto de cada marco do caminho andado, apenas consigo vislumbrar o rasto agonizante de um pobre destino humano, que nem ao menos se refresca na bica de nenhum verdadeiro devotamento tutelar. Nunca se viu no pó da estrada peregrino tão sedento e desiludido da ternura dos semelhantes!

Sismógrafo hipersensível, que regista os estremecimentos do mundo e de si próprio. e que um abalo mais brutal desafina, acabei por ficar desirmanado na sala do observatório, absurdo, epectral, a pulsar desalmadamente enquanto a corda se não acaba, sem conseguir ver do passado mais do que a serrihada angústia dum gráfico incansável, que só meia dúzia de entendidos poderão mais tarde decifrar...

Gerês, 14 de Agosto de 1952.

MANHÃ

É o sol que nasce, mas parece alguém
Que pinta doutra cor a cor do mundo.
Alguém que sabe que este velho fundo
De negrura
Mora dentro das tábuas da moldura
Como a erva daninha,
E luta sem descanso do seu lado
Para manter doirado
O sonho que na tela se amesquinha.

Gerês, 15 de Agosto de 1952 — Despedida da serra. Quatro horas a trepar para chegar ao alto da Borrageira. Sobre o talefe, a 1433 metros, invadiu-me uma estranha sensação de que não estava a dizer um adeus provisório àqueles cumes, mas a perder para sempre um pedaço do mundo. Já não é a primeira vez que tal me acontece. Visitar um sítio e apertar-se-me o coração de angústia com o presentimento de que nunca mais volto ali. E hoje fitava as chãs, as vezeiras, as mariolas, os teixos e os geníparos quase com lágrimas nos olhos. Morrer sem ter percorrido palmo a palmo o berço redondo onde nascemos, é um malogro terreno; mas olhar um dos seus recantos, e vê-lo quase logo banido irremediavelmente para os limbos da memória, é mais trágico ainda. É uma vivência prematura do aniquilamento da realidade. Um ensaio do nosso próprio aniquilamento.

DIÁRIO VII

(De 20 de Maio de 1953
a 3 de Outubro de 1955)

Gerês, 1 de Agosto de 1953.

NIRVANA

Paz das montanhas, meu alívio certo.
O girassol do mundo, aberto,
E o coração a vê-lo, sossegado.
Fresco e purificado,
O ar que se respira.
Os acordes da lira
Audíveis no silêncio do cenário.
A bem-aventurança sem mentira:
Asas nos pés e o céu desnecessário.

Gerês, 3 de Agosto de 1953 — A serra a queimar como uma fogueira de pedra. Mas ardo nela com a fanática devoção das viúvas indianas na pira da fidelidade. O pouco que sou devo-o às fragas. Foi a pisá-las que aprendi a conhecer a dureza do mundo e a admirar o ímpeto que se não resigna à lisa sonolência duma paz interior espalmada. A inquietação da terra vê-se nos montes. Sem eles, quem daria aos homens o permanentemente exemplo da sublevação natural que há no espírito da própria vida?

Gerês, 7 de Agosto de 1953 — Em Portugal, decentemente, só se pode ser cavador. Apenas a mantear terra um homem atinge nesta pátria a perfeita dignidade da espécie. Fora disso, é uma limitação irremediável que cinge cada um e o não deixa ultrapassar a crosta defensiva que o reveste. Mal largamos o enxadão e subimos um degrau na escala social, corrompe-nos não sei que lepra, que já não há simplicidade possível, nem grandeza correspondente. Tornamo-nos furtivos, inconviventes, desconfiados, incapazes de qualquer harmonia social baseada na articulação voluntária do que somos com o que não somos. O diálogo cessa, para dar lugar a um monólogo

de pragas e vociferações. Espreitamo-nos uns aos outros por detrás das cortinas dum mundo interior de enconchado egoísmo, e nada nos dá mais alegria do que as falências alheias, assim contempladas a coberto de qualquer responsabilidade cívica. Colaborar nas alegrias e tristezas do semelhante, trocar palavras, ideias e sentimentos, só os componentes de uma roga, os companheiros de uma vessada, os que a fraternidade do suor amalgama na sinceridade e honradez do natural. Os civilizados, aqui, são os analfabetos.

Gerês, 8 de Agosto de 1953.

OROGRAFIA

Fragas da serra duras testemunhas
De acusação do tempo, Orfeu cansado
Que descarna os poemas e os desdenha.
Cada perfil ossudo debruçado
Sobre o abismo a que vive condenado
E onde o próprio silêncio se despenha.

Gerês, 12 de Agosto de 1953 — Até nisto de contar os anos por calendários o homem sabe o que faz. Que tragédia, se applicasse a si próprio o método que usa para determinar a idade das árvores ou dos terrenos! Um corte transversal ou vertical na alma de cada um, devia ser bonito! Assim, ao menos, é um regalo. Vai-se à folhinha, e pronto. Ela é que diz. Um contra, apenas: de tão abstracta, a coisa acaba por ser optimista de mais. E a consciência desconfia. Por isso, já me lembrei de roubar numa destas cabines do balneário uma ampulheta que funciona mal, e guiar-me pelos seus caprichos. De vez em quando a areia pára de correr, e o tempo pára também, à espera que ela se resolva a medi-lo. O resultado é baralharem-se de tal modo a inércia e o movimento, o frémite e a estagnação, a vida e a morte, que se esbatem no pensamento os limites precisos de qualquer duração, sem que o espírito deixe de a sentir. O que é verdadeiramente ideal para o caso concreto dum poeta, que deve envelhecer aos ziguezagues, umas vezes de trás para diante, outras vezes de diante para trás, de maneira que possa atar sempre a ponta esperançosa do princípio do novelo à ponta desesperada do fim.

Gerês, 14 de Agosto de 1953.

MIMETISMO

Sou mais um caule na floresta densa.
Um tronco de preguiça vertical.
Inerte, muda e anónima presença,
Perdida no silêncio vegetal.

Não ondula uma folha, um pensamento.
A sombra é o véu do tempo interrompido.
E o coração que bate, e a seiva em movimento,
Dão apenas à vida um resplendor fingido.

Gerês, 15 de Agosto de 1953 — Com a imaginação voltada para as maravilhas desconhecidas que me preparo para ir ver, mal reparo nas maravilhas que me cercam. O homem é um volúvel D. João até no amor à natureza! Ou será que tudo se esgota, não dentro de nós, mas na sua íntima capacidade de induzir admiração? Que a própria magnificência duma paisagem como esta perca o seu magnetismo emotivo, à medida que vive? Uma coisa é certa: desde que aqui vim pela primeira vez que o deslumbramento decresce. Ou melhor: mantém-se intacto na consciência, mas diminui nos sentidos. A serra continua a ser bela e majestosa, mas como aquelas mulheres belas e majestosas que depois de algum tempo de intimidade já nos não apetecem, sem que o instinto possa discernir se é ele que se fartou, se são elas que lhe não dão fartura.

Gerês, 6 de Setembro de 1954 — Creio que já necessito destas curas tanto fisiológica como psicologicamente. A par das misérias do corpo, sinto tais misérias na alma, que, juntamente com a dose de água, preciso de igual dose de solidão.

Gerês, 7 de Setembro de 1954 — Ao reparar há pouco em certos arbustos da serra, que são ventosas coladas à dureza das fragas e só delas podem receber o sumo vital de que necessitam, lembrei-me de mim, que também me agarro à dureza do meio, e só dele posso receber energia e justificação. Mas pus-me a pensar depois que o metabolismo dessas rasteiras existências vegetais é de tal rigor económico que acaba por se tornar incompatível com as leis da pujança...

Gerês, 8 de Setembro de 1954.

DESTINO

Começa um rio numa gota de água.
O sonho é que avoluma o corpo da nascente.
Fonte:
Tão delicada, e hás-de ser torrente
A saltar fragas e a rasgar o monte.

Gerês, 9 de Setembro de 1954 — São inevitáveis estes ataques de reaccionarismo, mesmo em indivíduos que se consideram liberais.

— Venha daí... — dizia-me um deles, hoje de manhã. — Vai também o padre fulano, que é pessoa tolerante.

O tolerado, claro, seria eu.

Gerês, 10 de Setembro de 1954 — Curioso, isto. A minha vida decorre como se tudo em mim se passasse ao retardador. Actuo, reajo, e sempre a saber que o sangue das feridas só virá quando outras acções, reacções e lutas se processam. Sou uma espécie de ruminante do sofrimento: encho-me primeiro dele, e depois é que o saboreio.

Gerês, 11 de Setembro de 1954 — É possível que esta paixão telúrica que me faz divinizar as fragas, os rios e os carvalhos signifique, afinal de contas, que não consegui desembaraçar-me da placenta de ovelha que o destino me atirou à figura, como certo inimigo fez a Maomé. Mas não me desagrada a hipótese. Estou sinceramente convencido de que a realidade campestre nem é inferior à outra, nem se lhe opõe. Por detrás das pedras rolas e das ravinas, pulsa o mesmo coração

inquieta da vida. A solução, portanto, consiste apenas em consultá-lo com a finura de ouvido que é obrigatória nas consultas cidadinas. E a mágoa que me punge não é de ser montanhês por devoção: é de não ser capaz de revelar todos os mistérios que se escondem nas dobras da estamemha. Bem rústicas parecem as urzes, e a abelha tira das suas flores mel perfumado. Nada mais agressivo do que um silveiredo, e o melro faz o ninho no meio dele.

O mal é nosso e, neste caso, meu particularmente. Confundimos a casca com o sabugo. Talvez porque só temos casca e não merecemos a graça de comungar à mesa onde Colette recebia o corpo eucarístico da natureza. Ela, sim, podia exprimir o cataclismo de cada fecundação e decompor o arco-íris de cada primavera. Através do sacramento do amor e da entrega, real e substancialmente, os seres e as coisas passavam a fazer parte da sua humanidade profunda e falavam depois pela sua boca.

Gerês, 18 de Setembro de 1954.

REPOUSO

Durmo à sombra do tempo.
Ausentei-me da vida algumas horas,
Moro agora onde moras,
Serenidade!
Silêncio pétreo com luar em cima.
E um céu de seda, lá da eternidade,
A olhar um corpo que se reanima.

Gerês, 2 de Agosto de 1955 — Há qualquer coisa de vida de palco nesta vida de termas. Chego, e é como se ouvisse as três pancadas de Molière e o pano subisse. Sentados às portas dos hotéis, os outros comparsas, com faces conhecidas e desconhecidas, aguardam. Cumprimento-os, instalo-me também numa cadeira de preguiça, e damos início à representação. Pouco ou nada se diz ou faz de extraordinário. O verdadeiro interesse de cada acto está por detrás das palavras e das atitudes. São pequenos gestos rituais que acontecem maquinalmente — a mão que se levanta para afastar um insecto, os olhos que se movem para espreitar as horas, um desvio discreto da incidência dum raio de sol que rompeu caminho através da folhagem.

Todos entendem essa linguagem subtil, embora não atentem na sua significação profunda. Exactamente como acontece no mundo fictício da cena, onde é possível um actor desempenhar com êxito um grande papel sem o compreender.

Nos primeiros tempos admirei apenas o ritmo que havia na movimentação. Depois descobri que estava diante da expressão solene

e muda de uma vida intemporal. As pessoas que eu via com forma de gente eram títeres furtivos que vinham de longe, como eu, fazer o seu papel, e de repente desapareciam para regressar à realidade.

Gerês, 3 de Agosto de 1955 — A nossa angústia presente, o egoísmo que nos empareda, a falta de carácter que campeia, a renúncia colectiva que se vê, talvez sejam a ressaca tardia do que lá fora já foi vivido, purgado e superado há anos. O atraso com que caminhamos em relação à Europa explicaria a falta de sintonização. A guerra trouxe às nações do velho continente, senão o remédio definitivo para a doença social que o atormenta, pelo menos a catarse dos sofrimentos mais agudos e uma consciência de cartas na mesa. No meio dela, a sofrer-lhe os embates, uns morreram, outros triunfaram, outros perderam para sempre as ilusões. Mas todos resolveram o seu problema, positiva ou negativamente. Os espíritos progressivos vislumbram, finalmente, o sol futuro, e os regressivos já sabem que só podem reinar temporariamente e sem esperança.

Ora, como aqui nada aconteceu, a onda veio, espalhou-se à vontade, e foi uma inun-

dação sem pânico, subreptícia e voluptuosa. Quando demos conta, éramos diferentes nos corpos antigos. Homens por fora e cadáveres por dentro.

Gerês, 4 de Agosto de 1955 — Tantas vezes me tenho lembrado da paciência deste carvalho! Por que não faço eu como ele, e não espero calmamente pelo que há-de vir, bom ou mau, triste ou alegre, mas inevitável? O milagre de uma serenidade assim, nem passiva nem agónica, apenas atenta e disponível, seria na minha vida o começo da redenção. Talvez até o tal livro ideal, tão repetida e baldadamente escrito, e sempre melancolicamente destruído, me surgisse claro e perfeito na imaginação.

Gerês, 6 de Agosto de 1955 — Há sítios do mundo que são como certas existências humanas: tudo se conjuga para que nada falte à sua grandeza e perfeição.

Este Gerês é um deles. Acumularam-se e harmonizaram-se aqui tais forças e contrastes, tão variados elementos de beleza e de expressão, que o resultado lembra-me sempre uma espécie de genialidade da natureza.

Gerês, 7 de Agosto de 1955.

INICIAÇÃO

O sagrado tem caule e tem raízes,
É uma presença muda e vegetal...
Folhas — línguas discretas
Que nem mesmo os poetas
Devem ouvir...
A sombra do silêncio a revestir
Os gestos rituais
Dos ramos, que são braços actuais
A receber o tempo que há-de vir.

Gerês, 8 de Agosto de 1955 — Estas serras portuguesas são nossas até na pequenez. Como nunca sobem mais acima do que as possibilidades de certas raízes teimosas, a vida tem sempre nelas uma espécie de calma remediada. Falta-lhes aquela zona de esterilidade altiva, onde a morte se coroa de flores de neve. Nesses cumes alpinos que a natureza ofereceu a outros povos, apenas as sementes metafísicas da inquietação podem germinar. E o vento do espírito tenta afanosamente semeá-las, a golpes de imaginação e ascese.

O que é de todo desnecessário aqui, uma vez que para além do limite vegetativo já não existe qualquer maninha extensão.

Gerês, 10 de Agosto de 1955 — A saúde faz falta. É um esquecimento de que o homem precisa para ser feliz. Amante discreta, deixa ao amado tal liberdade de movimentos, que ele sente-se uma espécie de eterno solteiro da fisiologia. O que não sucede a quem o destino deu por companheira a doença, esposa absorvente e fatal. Insidiosa a princípio, exigente depois, tirânica por fim, acaba por sobrepor a sua própria máscara ao rosto do cônjuge. E é vê-la, aqui, nesta passagem de modelos hepáticos. É ela que se exhibe, que

passeia, que se diverte. As pobres carcaças que a suportam, essas servem apenas de passivos comparsas dos seus caprichos.

Gerês, 12 de Agosto de 1955 — Serra. Sempre que me encontro aqui, quando chega este dia, perco-me pelas fragas. Vou fazer anos à Calcedónia, ao Cabril ou à Borrajeira — aos picos mais altos da Montanha. Que ao menos o espírito, que vai morrendo no corpo, tenha assim um vislumbre de ressurreição.

Gerês, 14 de Agosto de 1955.

ODISSEIA

Olho o céu pelo ralo do arvoredado.
Que plácido arquipélago azul
Disperso na aventura, mar sereno!
O tempo flui, e as ilhas vão mudando
No aro caprichoso da retina.
Ítaca, Samos, Paros...
Tudo como na Grécia
Que se decora.
De repente, uma onda desarvora
O navio da mítica aventura:
A estranha arquitectura
Do firmamento
Rouba-me o sentimento
De unidade.
Os retalhos suspensos da miragem
São a imagem
Do que eu sou, repartido à minha grade.

Gerês, 16 de Agosto de 1955 — O dia inteiro a ruminar o banquete de ontem, pantagruélico festim de serras de horizontes, que teve como iguaria suprema a descida do Velão ao cair da tarde. Foi um favor inestimável do acaso permitir-me contemplar o esforço desmedido de afirmação fisionómica daquele mundo solitário a enfrentar o borrão da noite. Luta solene e silenciosa, que eu, paradoxalmente, apenas consigo sintetizar na imagem cortante dum grito demorado. Grito ao mesmo tempo convulsivo e harmonioso, erguido das entranhas dum corpo agonizante que tentasse superar a própria grandeza nas vascas do aniquilamento.

Mas esse instantâneo trágico da face esquerda do Marão, como que batido à luz dum relâmpago que se prolongasse, apenas coroou de singularidade o que dentro de mim é constante deslumbramento agradecido. Fascinação de artista rendido à beleza viril de uma paisagem onde sempre me apetece parir ou morrer, e gratidão somática por ter nascido nela.

A terra tem um senão: a mudez. E o poeta é um homem de perguntas. Desde que me conheço que me dilacera o cilício de a interrogar sem esperança. Ora o chão transmontano

fala-me pela boca de meu pai. Na sua dignidade de cavador cumprido, de príncipe que depôs a enxada sem abdicar dela, o velho como que atingiu o recolhimento sábio e tutelar necessário aos oráculos do cósmico. Num rifão, num gesto, numa atitude, responde-me às perguntas mais perturbadoras, e é o próprio telúrico que me responde. A serena confiança que irradia, a paz com que espera a morte, a força com que nivela os homens no estalão do natural, a exemplaridade polarizadora da sua inteireza, iluminam-me o entendimento e fazem-me compreender as courelas que lavrou e as pedras que os seus pés calcaram. Por isso, depois de cada visita que faço ao duro berço que me viu nascer, parece que tenho vendas nos olhos e só vejo por dentro. A vida fica baça à minha volta, e todo eu me concentro na demorada contemplação da íntima claridade.

DIÁRIO VIII

(De 7 de Outubro de 1955
a 25 de Dezembro de 1959)

Gerês, 3 de Agosto de 1956 — Peregrinação aos monumentos da Ribeira Lima: Muia, S. Martinho de Crasto, Bravães...

Não há dúvida: desde o românico que o catolicismo vive em plena heresia.

Gerês, 6 de Agosto de 1956 — Tento, mas não há diálogo possível com esta gente do outro lado da barricada. De tal modo lhe torceram o entendimento, aclimataram-na tão completamente à densidade duma atmosfera de submissão, de tirania sem tirano visível, a um ambiente de mediocridade sem acidentes incómodos, a uma geleia de cultura microbiana, que toda a palavra livre, insubmissa, frontal, lhe parece um fenómeno. Em vez de se ver monstruosa no cristal da lógica, vê-nos a nós monstruosos no espelho deformante do fanatismo.

Gerês, 12 de Agosto de 1956 — Quarenta e nove anos, a rolar com as pedras deste ribeiro que canta a meus pés. Mas os baldões do tempo não me adoçam as arestas, como a elas. Avivam-mas.

Gerês, 17 de Agosto de 1957 — Curiosa conversa com um sacerdote que, diante das minhas recriminações ao reaccionarismo crónico da Igreja, não se cansou de apregoar a mentalidade esclarecida e progressiva de alguns dos seus membros, em todos os tempos.

— É certo — respondi, com a maior sinceridade. — Mas actuaram sempre como motoristas apressados a conduzir um grande carrão moroso. Nunca chegaram a tempo.

Gerês, 16 de Agosto de 1958 — Estendi-me no sofá como nos demais anos, e deixei o colega cirandar por cima do corpo com as suas varinhas de vedor da saúde.

— Onde vai o senhor buscar energias para fazer o que faz? — perguntou, no fim da averiguação.

— À vontade...

— A vontade não cai do céu. É uma disposição orgânica...

— Eu sei. Mas a fisiologia dos poetas, como a dos santos, é misteriosa. Lembre-se dos estigmatizados...

Gerês, 17 de Agosto de 1958 — Sou, na verdade, um geófago insaciável, necessitado diariamente de alguns quilómetros de nutrição. Devoro planícies como se engolisse bolachas de água e sal, e atiro-me às serranias como à broa da infância. É fisiológico, isto. Comer terra é uma prática velha do homem. Antes que ela o mastigue, vai-a mastigando ele. O mal, no meu caso particular, é que exagero. Empanturro-me de horizontes e de montanhas, e quase que me sinto depois uma pro-

víncia suplementar de Portugal. Uma província ainda mais pobre do que as outras, que apenas produz uns magros e tristes versos...

Gerês, 21 de Agosto de 1958 — Chegámos à fase do humor negro. O terror, agora, chama-se constrangimento psicológico.

Gerês, 22 de Agosto de 1958 — É engraçado observar a comédia da vida portuguesa neste palco termal de três pisos. O povo, a pequena burguesia e a alta finança, todos doentes, mas cada qual a fazer o seu papel o melhor que pode. Simplesmente, como actúan em compartimentos estanques e não se vêem nem se ouvem uns aos outros, as réplicas são absurdas e as cenas desencontradas. Tem-se a impressão de assistir a uma representação de loucos.

Gerês, 26 de Agosto de 1958 — Quatro horas de serra. De vez em quando gosto de pôr à prova a fibra herdada dos maternos avós almocreves, para que lá na eternidade não se sintam atraíçoados junto dos paternos cavadores, que rememoro como posso diariamente.

Meti a direito pelos fraguedos, e foi até o corpo dizer basta. Gargantas temerosas que engolem o tempo e o silêncio, e que o vento

— respiração da natureza — atravessa a uivar, ribeiros que se despenham nos abismos num ímpeto lírico e suicida, lagoas límpidas e secretas onde ninguém lava a impureza. Graníticos e orgulhosos, os píncaros viam-me aproximar e cerravam a catadura. Mas levei ao alto de todos a minha cordialidade humana. Por honra da firma, como já disse, e por serem a única grandeza de Portugal com que apetece a gente medir-se.

Gerês, 27 de Agosto de 1958.

PRENÚNCIO

Na tarde calma, ondula
A invisível ramagem dum poema.
Uma secreta brisa,
Que apenas se adivinha,
Percorre o mundo íntimo das coisas
E acorda em sobressalto
As folhas do silêncio.
Falta ainda o poeta...
Mas a evidência
Da sua voz
É como a luz do sol quando amanhece:
De tão branca, parece
Que descora a ilusão da madrugada...
Antes ele não viesse,
E em cada solidão se mantivesse
Esta bruma de música sonhada.

Gerês, 2 de Agosto de 1959 — Um arraial à chegada, reflectido nas águas da albufeira. As girândolas abriam-se em leque na negrura do céu, e as lágrimas de luz, instantes depois, numa curva de morte, precipitavam-se de encontro à própria imagem líquida. Parecia um suicídio da fantasia.

Gerês, 3 de Agosto de 1959 — Gosto de rever certas paisagens, ainda mais do que reler livros. São belas como eles, e nunca envelhecem. O tempo não degrada a linguagem que as exprime. Pelo contrário, enriquece-a, até, num esforço de perfeição constante que, embora involuntário, parece intencional. Faz alargar a copa a um carvalho, e reforça determinado volume; outoniça precocemente algumas folhas, e esbate um pouco a cor afogueada duma encosta; entoira um ribeiro, e gera um lago onde se espelha o perfil dos montes. E eu olho, olho, e não me canso de admirar uma placidez assim permanentemente movimentada. Pobre artista que sou, sei que é esse renovo ininterrupto que falta

às obras puramente humanas. Mesmo as geniais, são apenas momentos vibráteis na quietude da eternidade, ilhas vulcânicas no mar morto do tempo. Agitam-se, mas dentro do seu anquilosamento histórico.

Gerês, 15 de Agosto de 1959 — A natureza humana faz parte da outra, mas às vezes casa-se mal com ela. Há pessoas que não calham em certas paisagens. Empobrecem-nas com a sua presença. Por serem mesquinhas, amesquinham as próprias serranias.

DIÁRIO IX

(De 15 de Janeiro de 1960
a 20 de Setembro de 1963)

Gerês, 10 de Agosto de 1961 — Com olhos sonolentos, vejo passar algumas celebridades nacionais, que rua abaixo, rua acima, embalam a digestão. Vedetas aplaudidas nos palcos das três capitais do país, mal conseguem aqui a graça dum reparo. Medidas em estalões liliputianos, tudo nelas parece real e grande; referidas à escala destes montes, ficam reduzidas ao nada que são. E é num íntimo sentimento de desforra que agradeço ao destino ter-nos dado, no meio de tanto bafio, meia dúzia de píncaros arejados, que não deixam o falso poder, a falsa moral, a falsa inteligência, o falso saber e a falsa glória pôr junto deles o pé em ramo verde.

Gerês, 12 de Agosto de 1961 — Mais um arrasoado à mocidade, reunida generosamente à volta dos meus cinquenta e não sei quantos estios. Paradoxalmente, falei-lhe da incompreensão adulta, o perigo eterno que a ameaça, e da arma eficaz que deve utilizar para se defender: a intransigente reivindicação de ser o que é. Pus no que disse toda a lisura e calor,

mas cheguei ao fim da parlenga numa aflição de penitente. Valha-me a íntima e velha convicção de que falar à juventude é um acto tão arriscado que só a pura inconsciência pode praticá-lo sem tremer. Quem é que sabe ao certo que palavras ela espera de nós? Por mim, confesso humildemente que não sei. Regresso imaginariamente aos vinte anos, penso e repenso no que gostaria de ouvir aos provectoros de então, convoco todas as energias do espírito, e acabo por concluir que qualquer coisa de essencial escapa à minha razão evocadora. Cada geração é nova à sua maneira. De aí resulta que nenhuma experiência pretérita de rapaz sirva para compreender um rapaz de agora. Sei, evidentemente, que a natureza, fiel a determinadas constantes, ilustra invariavelmente a primeira com a elasticidade dos cabritos e o outono com a anquilose dos bodes. Simplesmente, nem a vida se reduz a esse jogo maleável ou perro de articulações, nem uma pirueta no palco do mundo se reveste sempre da mesma significação. A gravidade dum acto subversivo varia consoante a época, a nação e o próprio continente onde se pratica. De maneira que nem esse argumento da rotina existencial ajuda a resolver o problema. A cómoda solução habitual é cair na lisonja

paternalista, seguida da respectiva exortação, direita ou esquerda. Incapaz de tais mistificações, nestes casos apertados assim, sirvo modestamente aos meus convivas moços, numa canhestra linguagem de veterano tartamudo, o mel da sinceridade exercida, misturado ao fel da responsabilidade assumida. Não é certamente o maná esperado. Mas é o que pode dar em relativa paz uma consciência exigente.

Gerês, 14 de Agosto, de 1961.

REPOUSO

Paz das alturas, evasão furtiva
Da inquietação rasteira.
Aprazível clareira
Na floresta do tempo penitente.
Branca serenidade passageira
Onde tudo é sereno eternamente.

Um pequeno descanso refratário
De ser homem.
Pousei o meu carregado.
A cavalo na terra, olho-a de cima,
Fugido à força de atracção que anima
O seu desassossego.

Gerês, 1 de Agosto de 1962 — As palavras mágicas do conto são já muito velhas, mas servem sempre:

— Abre-te, Sésamo! Fecha-te, Sésamo!

Pelo menos, não me acodem outras ao espírito em certas ocasiões. Quando, por exemplo, avisto ou deixo de avistar estas serras do Alto Minho ou as de Trás-os-Montes. Há paisagens naturais que, de tão extraordinárias, nunca deixam de nos parecer sobrenaturais. E só penosamente as concebemos fora de uma geografia de encantos e desencantos.

— Abre-te, Sésamo! Fecha-te, Sésamo!

O ingresso nelas e o regresso delas. Um deslumbramento começado e acabado por feitiçaria.

Gerês, 2 de Agosto de 1962 — Ainda pensei em recorrer à imagem lisonjeira da gaita de foles. O odre a encher, antes de a ária começar. Mas tenho de ser impiedoso e escrever a palavra sanguessuga. Só ela sugere capazmente a monstruosidade do que se passa:

um anelídeo humano, de boca em ventosa, a sorver avidamente a paisagem.

Pecha velha, de resto, que dura desde a meninice. Diante de qualquer naco apetitoso do mundo, já sei: aplico os sentidos e aspiro até não caber mais. A sucção é de tal maneira intensa e obstinada, que quase podia jurar que levava agarradas a mim estas penedias se alguém me suspendesse agora do céu.

Gerês, 3 de Agosto de 1962 — Até parece que nos tiram pelo faro!

— Aquele que ali vem...

Fazemos que não ouvimos, e continuamos o nosso caminho como se nada fosse. Mas é muito difícil a um poeta disfarçar um rabo-leva de poeta. Desde que lho colem, por onde passe, passa o edital.

— Aquele que ali vai...

Universalmente denunciados, ficamos à mercê do destino. Tudo, agora, pode acontecer. Mesmo isto:

— Atira, que é lobo!

Gerês, 8 de Agosto de 1962.

CONDIÇÃO

Ergo os braços ao céu, desesperado.
(Lama rasteira, nem ao menos posso
Ter a nobreza altiva dos penedos!
Em vez de lanças de granito, dedos
De carne e osso
Num leque de impotência!...).

Com a corda ao pescoço,
Peço clemência
A quem, a que tirano?
A nenhum Deus que veja
Ou anteveja...
Peço clemência, só por ser humano.

Gerês, 11 de Agosto de 1962 — Maldita inquietação! Pareço um parafuso sem-fim a desandar em silêncio na rosca da vida. Estafo-me, sentado na esplanada onde os outros repousam. Nenhum dos sonolentos companheiros o pressente sequer, felizmente, até porque lhes seria difícil compreender. Trabalhei como eles o ano inteiro, mereço, como eles, uns dias de férias, gozadas de boa consciência. Lógica luminosa, a que são permeáveis os felizes que se cumprem totalmente no muito ou pouco que fazem, mas a que desgraçadamente é opaco o meu espírito, sempre a comparar o relativo que realizou com o abosluto que desejava realizar.

Assim desiludido diante de todo o esforço passado, em vez de retemperar as forças no sossego para enfrentar o futuro, mortifico-me a pensar que o usufruo indevidamente. Absurda, a minha natureza, pelo facto de apenas ter conseguido o medíocre, nega-se a dar à esperança os meios de conseguir o suficiente.

Gerês, 12 de Agosto de 1962 — O acaso não podia ter-me posto diante dos olhos, neste dia natalício, espelho mais límpido e revelador do que um festivo mastro ensebado onde o

rapazio gastou horas a fio o entusiasmo e os fundilhos das calças, na mira de chegar ao cimo e deitar mão à prenda almejada. Há cinquenta e cinco anos que faço o mesmo no tronco escorregadio da vida, só eu sei com que tenacidade e que insucesso.

Gerês, 13 de Agosto de 1962.

ASCENSÃO

À brisa irrequieta que pergunta:

— São namorados?,

Responde o céu sereno:

— É o pai e a filha;

Ele quer mostrar-lhe a cúpula do mundo,

Ela pasmar da nova maravilha...

E o sol que brilha

Lá na sua altura,

Cora de ver chegar junto de si

Os heróis da sonâmbula aventura...

— Posso ir brincar ali?

— Podes, amor, que a nuvem está segura.

Gerês, 14 de Agosto de 1962 — É um suplício, esta minha obsessão do tempo. Devoro cada momento com tal sofreguidão, que só me lembro daquelas crianças ávidas que mordem o seio materno e tornam dorido o acto deleitoso da amamentação. Mercê dessa veemência, não consigo sentir debaixo dos pés a firmeza de nenhum instante. É sempre futuro, o presente que piso. Estou ainda a passar o rio, e já desembarcado na outra margem. Na outra margem da angústia...

Gerês, 2 de Agosto de 1963 — Era tudo tão insólito, que só mesmo uma saída insólita. A tranqueira, atravessada, barrava o caminho sem razão que se visse; o guarda parecia um oráculo fardado a responder às perguntas e a pensar no pré; os sujeitos que o consultavam bebiam-lhe as palavras num mal disfarçado alívio de cidadãos sedentários dispensados de incómodas aventuras; e eu namorava os longes a fazer que decifrava a inscrição dum marco miliário.

— Temos passaporte...

— Que me importa a mim! Queriam talvez que os deixasse passar com a fronteira fechada, não?!

— Impossível, portanto?

— Absolutamente.

— Pronto! É pena, mas não se pensa mais nisso!

E foi então que chegou a minha vez, e juntei nova dose de absurdo ao absurdo.

Os resignados excursionistas dirigiram-se a mim:

— Essa pedra deve ser muito antiga!...
O senhor compreende o que aí está escrito?

— Que felizes aqueles para quem os limites da liberdade correspondem aos limites da inquietação...

Gerês, 4 de Agosto de 1963 — Não me canso de o observar e admirar. Um homem de acção! O verbo fazer, encarnado! Começamos a conversar, e daí a nada há dois caminhos na conversa: o abstracto em que eu vou, e o concreto em que ele vai. Ou melhor: o concreto em que ele vai agindo, a cuidar que dialoga. Sem ter consciência disso, cada palavra que sai da boca é um acto, na intenção. Um acto que pratica prévia e subjectivamente, como se o rememorasse ao contrário. Antes de estrangular ao natural o concorrente, de meter a faca ao peito dos sócios, de manobrar o director do Banco, já tudo aconteceu na sua vontade, infatigavelmente crespada e dinâmica. Mesmo quando parece parado num intervalo do tempo, intimamente continua a mover-se, a caminhar. O gesto invisível prolonga o gesto visível, sem ficar de permeio o mais pequeno espaço de inércia onde possa estagnar a introspecção. E é esse permanente vazio criado à broca perfuradora da razão que me espanta e maravilha. O sentimento de falência

acaba por não ter sentido para naturezas assim, sempre justificadas no activismo em que se enredam. Antes do acto, o problema é efectivá-lo; o acto propriamente dito, é o problema solucionado; depois do acto, não há qualquer problema. As consequências da explosão da bomba subversiva já estão fora do impulso que a lançou.

Gerês, 5 de Agosto de 1963 — A frivolidade do nosso comportamento consciente, e a seriedade do nosso comportamento inconsciente! Damos uma resposta qualquer, cuidamos às vezes que apenas à medida da nossa presunção social, e o mundo de alusões subtis, de mágoas dilacerantes, de desenganos irremediáveis nela contidos!

— Há muitos anos que o vejo por aqui! Gosta disto, ou fazem-lhe bem as águas?

— As duas coisas. Mas venho, sobretudo, certificar-me da constância da paisagem e da inconstância dos homens...

DIÁRIO X

(De 5 de Outubro de 1963
a 30 de Julho de 1968)

Gerês, 10 de Agosto de 1964 — Deixo-me levar passivamente pelas rodas do carro, que percorre a serra em todas as direcções. Dou aos olhos plena liberdade sensorial, sem lhes pedir contas da qualidade das sensações recebidas. Abandono-me à volúpia dum encontro meramente físico com a realidade. Fragas, matas, rios e ribeiros, tudo entra em mim como a luz pelas vidraças. Entra e cabe. Não há imagens no mundo que saciem a pura transparência. Nada entendo, e nada quero entender. E sinto paz. A paz de ser uma simples coisa permeável entre coisas impermeáveis. Paz que o homem primitivo certamente já experimentou, e que talvez seja a que resta ao homem de sempre. Atingir na identificação inconsciente com a natureza a única consciência profunda que dela e de si pode ter.

Gerês, 11 de Agosto de 1964 — Dia de santeiros e barristas, por terras de Esposende, Barcelos e S. Martinho de Galegos.

Com tantos anos de história, de que fazemos gala, e nada aqui vem de longe, tem raízes no tempo. Cada livro que se lê, cada quadro

que se vê, cada música que se ouve, não continuam um passado. Ou são ecos estranhos, ou vagidos iniciais. Nenhuma manifestação do espírito se insere num contexto. O escritor nomeia as coisas pela primeira vez, o pintor desenha a imagem, e assim sucessivamente. Até na arte popular sucede o mesmo. Quando acontece aparecer um imaginário com interesse, nada à sua volta o pressupõe e prolonga. É uma ilha desligada do continente.

Gerês, 2 de Agosto de 1965 — Subo ao alto da serra, olho em redor, e até me parece impossível que nas pupilas tão pequenas do homem possam caber certas grandezas. Mas cabem. E mais: é nelas que tais grandezas adquirem sentido. O movimento que têm nas minhas, agora, as chãs, as lombas, os píncaros e os abismos onde a inércia da morte parece habitar! Dessa imagem dinâmica à palavra que a significa, vai um palmo. E a palavra reveladora pode ser o intróito dum verso. E o verso a eterna e ritmada pulsação audível dum imenso e oculto coração de granito.

Gerês, 4 de Agosto de 1965 — Deve ser triste, a tirania! Poder só ela ter liberdade, e viver peada pelas suas contradições. Falar, e sentir-se censurada pela mentira que é.

Gerês, 12 de Agosto de 1965.

DESGARRADA

Na sina que me foi lida,
Este dia é sempre assim:
Sol na paisagem da vida,
E sombra dentro de mim.

Gerês, 13 de Agosto de 1965 — A prévia garantia do meu silêncio deve excitá-los. Paciência. Prefiro mil vezes voltar a outra face a cada bofetada, do que alimentar com lenha sincera fogueiras de má fé. De resto, diga-se, em abono da verdade, que o tempo é um grande anestésico. Quanto mais ensopa a alma, mais insensível a torna às agressões. As bordoadas continuam a magoá-la, mas as dores que sente deixam de ser lancinantes. Cria nela uma espécie de impassibilidade defensiva. O que não consegui ainda esclarecer é o mecanismo dessa imunização. Será devida a uma atonia fisiológica dos reflexos, ou motivada psicologicamente pelo desprezo que nos vão merecendo os agressores?

Gerês, 2 de Agosto de 1966 — Todos os anos, quando aqui chego, repito no mesmo galho o mesmo exercício de acrobacia. É uma prova real à elasticidade das articulações e ao vigor dos músculos. Sei que devia estender o exame aos neurónios. Mas a natureza, para evitar desilusões, não põe à nossa disposição ramos propícios onde o espírito possa fazer secretamente o pino.

Gerês, 3 de Agosto de 1966 — Estes ociosos dias termais são ainda mais tóxicos do que os meses de lufa-lufa no trabalho duro. Rumi-na-se. E como só há desilusões para regurgitar, envenena-se a gente a esmoê-las. Os factos vêm à memória com toda a brutalidade das verdades irreversíveis, e temos que nos dobrar, vencidos. Nada se pôde evitar, e nada se pode remediar.

Gerês, 6 de Agosto de 1966 — A felicidade dos suficientes!

— Eu nunca falhei!

E só lhe pude responder alanceado, como num gemido:

— Pois eu falhei sempre.

S. Bento da Porta Aberta, Gerês, 13 de Agosto de 1966 — Não direi como se chama, nem o nome interessa. Vale a pena, sim, registar a natureza da promessa que fez: vir aqui todos os anos, enquanto tivesse saúde, e deitar meia-dúzia de foguetes à chegada. Pequenininho, vivaço, de cigarro aceso na mão, enquanto vagas sucessivas de romeiros, num rodopio penitente, ensanguentavam com os joelhos abertos a faixa que a compaixão canónica aplainou na aspereza do adro, pegava ele lume à pólvora dos morteiros e deixava-os subir. E ao lado da colectiva devoção rasteira, encheu-me de esperança aquela solitária devoção alada. A fé numa humanidade de astronautas, que, em vez de mortificar o corpo a remir graças imaginárias, entre pelo céu dentro a exhibir desportivamente diante de Deus a alegria de viver.

Gerês, 12 de Julho de 1967 — Cá estou eu represado como as águas do Cávado. Um espelho humano passivo. A vida reflecte-se em mim, mas sem movimento. Senhoras, ao lado, casam e descasam filhas, políticos despeitados aviltam hoje o que glorificaram ontem, os jornais informam do que vai pelo mundo. E nem tujo nem mujo. Continuo sereno, sem ondulações à superfície. Esgotei durante o ano, lá por baixo, a energia de reacção. Agora, com nove e meio de tensão arterial, apenas tenho forças para manter o espírito aberto às emoções. O bom e o bonito será depois, quando elas rebentarem o dique.

DIÁRIO XI

(De 2 de Agosto de 1968
a 6 de Abril de 1973)

Gerês, 2 de Agosto de 1968.

REFLEXÃO

Sim, olhar a paisagem...
Olhá-la como um bicho
Ou como um lago.
Olhá-la neste vago
Sentimento
De pasmo e transparência.
Olhá-la na decência
Original,
Com olhos de inocência
E de cristal.

Gerês, 3 de Agosto de 1968 — A natureza bem procura ajudar. Sempre que pode, faz brotar as fontes de juventa em sítios como este, onde o homem, enquanto vai ingerindo as linfas curativas, receba pelos sentidos a constante lição da beleza e grandeza da vida. Mas acontece às vezes que nem assim. Faltam antenas ao doente para captar as razões supremas da sua própria salvação. É o que sucede neste momento comigo. Por mais que tente erguer o ânimo à altura dos píncaros que me rodeiam, a vontade nega-se a obedecer ao desejo. Não trago horizontes de falcão nos olhos... Pareço uma formiga, a ver tudo ao nível do chão. Ao nível do meu sofrimento.

Gerês, 4 de Agosto de 1968 — Toda a manhã num tronco de tortura, a tentar expelir por um tubo metido no duodeno os humores doentes do corpo. Mas foram, infelizmente, os da alma que, durante as quatro horas de quietude expectante, vieram à tona da consciência. Avara das suas mazelas, a minha natureza apenas se abriu à sonda da introspecção. E quando, esgotado, arranquei a outra das

entranhas, em vez do alívio que fora procurar, sentia os males redobrados. Doíam-me na mesma as feridas que não desisti ainda de curar, e sangravam mais ainda aquelas a que nenhuma esperança pode acudir.

Gerês, 6 de Agosto de 1968 — Derradeira visita à aldeia de Vilarinho das Furnas, em vésperas de ser alagada, como tantas da região. Primeiro, o Estado, através dos Serviços Florestais, espoliou estes povos pastoris do espaço montanhês de que necessitavam para manter os rebanhos, de onde tiravam o melhor da alimentação — o leite, o queijo e a carne — e alicerçavam a economia — a lã, as crias e as peles; depois, o super-Estado, o capitalismo, transformou-lhes as várzeas de cultivo em albufeiras — ponto final das suas possibilidades de vida. E assim, progressivamente, foram riscados do mapa alguns dos últimos núcleos comunitários do país. Conhecê-los, era rememorar todo um caminho penoso de esforço gregário do bicho antropóide, desde que ergueu as mãos do chão e chegou a pessoa, os instintos agressivos transformados paulatinamente em boas maneiras de trato e colaboração. Talvez que o testemunho de uma urbanidade tão dignamente conseguida, com a correspondente cultura que ela implica, não

interesse a uma época que prefere convívios de arregimentação embrutecida e produtiva, e dispõe de meios rápidos e eficientes para os conseguir, desde a lavagem do cérebro aos campos de concentração. Mas eu ainda sou pela ordem voluntária no ócio e no trabalho, por uma disciplina cívica consentida e presente, a que os heréticos chamam democracia de rosto humano. De maneira que gostava de ir de vez em quando até Vilarinho presenciar a harmonia social em pleno funcionamento, sem polícias fardados ou à paisana. Dava-me contentamento ver a lei moral a pulsar quente e consciente nos corações, e a entre-ajuda espontânea a produzir os seus frutos. Regressava de lá com um pouco mais de esperança nos outros e em mim.

Do esfacelamento interior que vai sofrer aquela gente, desenraizada no mundo, com todas as amarras afectivas cortadas, sem mortos no cemitério para chorar e lajes afeiçoadas aos pés para caminhar, já nem falo. Quem me entenderia?

Gerês, 12 de Setembro de 1970..

GÉNESIS

Ah, beleza encontrada
Deste painel de montes, céu e água,
Que o acaso pintou
Com cega brutalidade,
E deixou
Na pura exactidão que exige a eternidade!

Pousada de S. Bento, Gerês, 13 de Setembro de 1970

— É uma pena que a nossa paisagem humana não tenha a grandeza da outra. Os horizontes espirituais do português acabam no prato que come. Confrange a alma ver estes patrícios à mesa, e verificar que as janelas abertas à sua frente são para os olhos dos Links e dos Byrons que nos visitam.

DIÁRIO XII

(De 17 de Maio de 1973
a 22 de Junho de 1977)

Gerês, 15 de Julho de 1975 — Horas seguidas a presenciar pelo caminho a crispação nacional ao volante, frenética, agressiva, criminosa. De quilómetro em quilómetro, um carro espatifado. Latas amolgadas, estilhaços de vidro, sangue — o espólio catastrófico de uma irresponsabilidade colectiva que só no fundo do abismo pode encontrar paz. Não a de a ter procurado e achado, mas a de a ter achado a fugir-lhe.

Gerês, 16 de Julho de 1975 — O mundo pasmado a olhar o céu, à espera de ver os astronautas russos e americanos no seu primeiro abraço estratosférico e eu com todos os sentidos postos em Lisboa, à espera que um capitão qualquer decida do nosso destino.

Gerês, 17 de Julho de 1975 — Passeio matinal no parque, o mais belo que conheço. Nunca vi um tão feliz encontro da mão urbanizadora com a natureza virgem. Tutelados pela montanha, dois milagres entrelaçados: o milagre do que estava e o milagre de o não estragar. Ciclónicos calhaus rolados adormecidos no

leito do ribeiro, trutas a nadar, carvalhos centenários a reflectir a pujança na limpidez da corrente, eucaliptos pernaltas a furar o tecto da folhagem e a perderem-se no céu, naves góticas de tílias rescendentes onde ressoa a música das águas batidas, e manchas de sol peneirado a colorir o chão, num derrame de luz.

Mas atravessei aquelas alamedas como um sonâmbulo, com os sentidos bloqueados pelo vigente tetanismo social. Reduzido à pura condição política, o homem é um desertor do mundo primordial. Doente desse morbo, a mais pequena notícia basta para lhe desfazer o equilíbrio anímico e transformá-lo num ser desnaturado — escravo de uma fixação mental que não deixa espaço para mais nada.

Gerês, 17 de Julho de 1975.

DISSONÂNCIA

É o mesmo rio a cantar contente,
É o mesmo ócio vegetal a ouvi-lo.
É o mesmo céu tranquilo
A reflectir-se na sua pureza.
E sou eu, na incerteza
Destes dias traídos,
A caminhar ao lado,
Desatento, alheado,
Sem ócio, sem pureza e sem ouvidos.

Gerês, 19 de Julho de 1975 — Não. Estar longe dos acontecimentos não dá sossego. Para as pessoas da minha natureza, imaginar o que se passa é mais dramático do que viver as situações.

Gerês, 20 de Julho de 1975 — É uma desgraça quando a gente chega a uma encruzilhada da vida em que nem tem razões para viver nem para morrer.

Gerês, 22 de Julho de 1975 — Na sala de espera do balneário, a descansar do banho, no meio de um enxame de senhoras, frenéticas, a fazer croché. Nunca me canso de admirar este dom feminino de, com o simples recurso de uma agulha e algunsovelos de lã, conseguir aprisionar o tempo num labirinto de malhas.

Gerês, 24 de Julho de 1975.

PROSTRAÇÃO

Um melro junta a voz à do ribeiro.
E a dupla melodia
É uma aposta feliz no dia
Que amanhece.
Mas a luz acordada permanece
Triste.
Uma sombra resiste
Ao seu abraço.
A sombra que de mim se alarga ao mundo
[inteiro,
E é como um cansaço
Total e derradeiro...

Gerês, 15 de Julho de 1976 — Não consegui dominar a emoção quando há pouco o correio me entregou um envelope meticulosamente lacrado, dentro do qual se escondia, ainda a latejar, um poema enviado pelo autor, que numa carta junta, canhestramente, tentava justificar o impulso do seu gesto. Lembrei-me daqueles amadores de rádio que passam horas e horas a auscultar o silêncio da noite, até que finalmente descobrem uma solidão igual à deles a quem abrem desajeitadamente o coração.

Gerês, 16 de Julho de 1976 — Subo, subo, subo. Mas de nada vale. Não consigo chegar ao cimo de nenhum Sinai de transfiguração. A sarça ardente que me envolve em cada píncaro é um delírio dos sentidos exasperados pelo próprio cansaço. As tábuas da lei que me ficam nas mãos depois do transe são as mesmas tristes normas de vida que já trazia. A abóbada celeste devolve-me apenas o eco da minha pobre humanidade.

Castro Laboreiro, 17 de Julho de 1976 — Como um clínico que assiste impotente à agonia de um moribundo, a sentir-lhe o pulso apagar-se lentamente debaixo do polegar aflito, assim eu acompanho há anos a progressiva degradação desta terra, que preservou séculos a fio, inalteráveis, sacrossantos valores humanos e sociais, e hoje quase só pode garantir, a quem a visita, a pureza e autenticidade do ar que respira e da água que bebe. Tudo o mais se abastardou. O carácter das construções e dos trajés, a sobriedade da alimentação, o tipismo das falas, as práticas agro-pastoris. Foi aqui, em Vilarinho da Furna e em Rio de Onor que vi pela primeira vez ao natural criaturas de Deus na sua plenitude livre e solidária. E — já que Vilarinho da Furna desapareceu do mapa, engolida por uma albufeira — é em Rio de Onor e Castro Laboreiro que o meu comunitarismo impenitente mergulha as raízes. Teimo, portanto, nestas visitas, mesmo que de progressivo desencanto. Tenho como verdade de fé que o homem há-de acabar por reagir contra a massificação planetária em que vai embarcado. A razão e o instinto hão-de acabar por dizer-lhe que todas as flores artificiais do mundo plástico não valem um lírio dos campos, que todas as quí-

micas laboratoriais não valem a fermentação de um carro de estrume, que todos os apitos imperativos do progresso não valem o som cordial de um chocalho. Nessa hora redentora, que não deve tardar — e, quanto mais tardar, pior —, estes santuários serão redescobertos, reconstruídos e dignificados. De aí que eu sofra mas não desanime a vê-los desmoronar. A minha esperança está nos alicerces...

Barragem de Vilarinho da Furna, 18 de Julho de 1976.

REQUIEM

Viam a luz nas palhas de um curral,
Criavam-se na serra a guardar gado.
À rabiça do arado,
A perseguir a sombra nas lavradas,
Aprendiam a ler
O alfabeto do suor honrado.
Até que se cansavam
De tudo o que sabiam,
E, gratos, recebiam
Sete palmos de paz num cemitério
E visitas e flores no dia de finados.
Mas, de repente, um muro de cimento
Interrompeu o canto
De um rio que corria
Nos ouvidos de todos.
E um Letes de silêncio represado
Cobre de esquecimento
Esse mundo sagrado
Onde a vida era um rito demorado
E a morte um segundo nascimento.

DIÁRIO XIII

(De 8 de Junho de 1977
a 20 de Maio de 1982)

Gerês, 16 de Julho de 1977 — Em vez de me perder, como outrora, pela serra, a encher os olhos da única realidade que hoje vale a pena em Portugal, a paisagem, passo as horas sentado em frente da rádio e da televisão, na ânsia de uma notícia de esperança. Tal é o meu desespero. Mas vêm palavras. As mais levianas, demagógicas e tolas que se podem ouvir. Os nossos políticos andam ao desafio. Cada qual quer ser mais irresponsável do que o parceiro. E consegue-o sempre.

APÊNDICE

MIGUEL TORGA E A SERRA DO GERÊS

Por *António José Ferreira Afonso*

MIGUEL TORGA E A SERRA DO GERÊS

«Há sítios do mundo que são como certas existências humanas: tudo se conjuga para que nada falte à sua grandeza e perfeição.

Este Gerês é um deles.

Acumularam-se e harmonizaram-se aqui tais forças e contrastes, tão variados elementos de beleza e de expressão, que o resultado lembra-me sempre uma espécie de genialidade [da natureza.]»

Diário VII

1. O Homem

Adolfo Correia da Rocha, o homem que não gostava de homenagens, morreu. Mas, como dizia Garrett, do poeta só «morrerá aquilo em se pareceu e se uniu convosco, (...) porque [nele] a morte não passa do corpo, que é tudo em vós, e nada ou quase nada no poeta»¹. Assim, se o homem, Adolfo Rocha, morreu, o poeta, Miguel Torga²,

¹ 'Advertência' in *Folhas Caídas*.

² Miguel, do nome de grandes vultos da cultura como Miguel Ângelo, Miguel de Cervantes Saavedra e Miguel Unamuno; Torga, derivação imprópria do nome de um arbusto que não dobra, antes quebra, e de cujas raízes se fabricava um carvão de alto teor calorífico.

continua bem vivo, e a melhor homenagem que lhe podemos prestar é não o esquecer e permitir que o seu espírito se eternize nas belas páginas que escreveu: «Ainda há pouco escrevi que, seja ele quem for, o homem nasce para morrer e morre para se eternizar na saudade ou na repulsa dos contemporâneos»³.

Simple no nascimento, simples na vida, também na morte pediu simplicidade: uma campa rasa junto a um velho cedro na sua terra natal, S. Martinho de Anta: «É um cemitério pobre. / Fica à beira da estrada, / E qualquer tempo o cobre / Duma sombra de nada. // Vão a enterrar ali / Pobres almas singelas / Que viveram aqui, / E só ali são elas»⁴.

2. A passagem pelo Gerês

Como sabemos, Torga, o «mensageiro da lírica da serra», nas palavras de Maria Fernanda Angius⁵, não gostava do Minho. Habitado à aspereza transmontana, o verde prolixo desta província incomodava-o: o vinho é verde e extremamente diurético, de tal modo que «se bebe e se mija logo»⁶; o caldo

³ *Diário XV*, p. 58.

⁴ *Diário I*, p. 87.

⁵ «O sentimento do sagrado na obra de um ateu», in *Aqui, Neste Lugar e Nesta Hora — Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, Universidade Fernando Pessoa, Porto, 1994, p. 36.

⁶ *Diário VI*, p. 58.

é verde; no monumento a Camilo, em Famalicão, 'o bronze também é verde...'; o verde aparece, ainda, em nome de lugares como Vila Verde ('sempre o maldito verde!'). Estes aspectos levam-no a afirmar que não morre de amores pelo Minho: «não é que eu morresse de amores pela terra que o minhoto Eça julgou pouco melhor do que Jerusalém. É que, em certas horas, antes um padre-nosso do que uma imagem de pesadelo»⁷. Como não podia deixar de ser, o verde é o tema central do poema **Minho**:

«MINHO

O verde come o resto do arco-íris.
Quem quer vir combater
Contra a monotonia?
O vinho é verde, a dor é verde, o mar é verde...
Tudo é verde e se perde
Numa verde agonia.»⁸

No Minho, apenas o atrai «a beleza sem par do Gerês»⁹ que realiza a simbiose entre o 'espectador emotivo' e o 'cavador instintivo' existentes dentro do poeta.

A primeira referência ao Gerês, no *Diário*, surge no dia 15 de Agosto de 1942. Torga abre esse dia com o verso latino inscrito nas termas: AEGRI SURGUNT SANI. Dois dias depois, em visita ao

⁷ *Portugal*, p. 14.

⁸ *Diário IV*, p. 115.

⁹ *Idem*, p. 24.

Banco do Ramalho, manifesta-se, compreensivelmente, contra o monumento construído no local onde Ramalho Ortigão costumava ler e escrever e ao qual apelida de 'mausuléu': «Deste monstruoso sofá em que a posteridade transformou uma singela pedra onde o bom Ramalho costumava sentar-se, e com um sol melancólico a cair ao longe sobre o Cávado, penso na crueldade do destino para com certos homens e certos países»¹⁰. Remata este dia com uma lição magistral: «O culto de um homem superior não deve ser nunca uma intromissão da nossa mesquinhez na pureza das suas pegadas. Quando se não é capaz de mais, o chapéu na mão... e as próprias fragas como ele as deixou»¹¹.

Regressa ao Gerês no ano seguinte, tendo deparado com a figura típica do João Cantador, a quem apelida de 'Nijinski do Minho'. Esta figura, que o autor diz ter nascido em Rio Calvo, era natural do lugar de S. Miguel, freguesia de Caniçada do concelho de Vieira do Minho, tendo casado com uma senhora natural da freguesia de Rio Caldo, onde o casal fixou residência. Tornou-se conhecido por ser um exímio cantador ao desafio.

No ano de 1944, empreende a escalada do ponto mais alto da serra, o Altar de Cabrões: «Estou a 1536 metros, perto do céu, a ver o Barroso, o Marão, a Serra Amarela e o Lindoso. Estou sentado num marco que separa Portugal de Espanha, mas o sítio chama-se Altar de Cabrões e, foi, como se vê, o

¹⁰ *Diário II*, p. 56.

¹¹ *Ibidem*.

olimpico de majestades cornudas, a ara de alguns daqueles deuses sagrados lusitanos, de que só restam nomes e cascos»¹². Outros cumes se seguirão, tanto na Serra do Gerês, como na Serra Amarela.

Nos últimos dias de Julho desse mesmo ano, calcorreia o vale do Homem, a Bouça da Mó, onde conversa com um guarda florestal sobre a geira romana: «Estou a vingar-me mais uma vez, a olhar esta Geira Romana e os seus marcos delidos. Estou a vingar-me de quantos Césares o mundo tem dado, convencidos de que basta mandar fazer calçadas e pontes, gravar numa coluna a era e o nome, para que a eternidade fique por conta deles. Os palermas!»¹³ Refere-se à última agonia de Vilarinho das Furnas, onde viu «pela primeira vez ao natural criaturas de Deus na sua plenitude livre e solidária»¹⁴, e a outros lugares similares, a que chama «pequenos enclaves, não digo de paradisíaca felicidade, mas de humana e natural liberdade. Uma vida social assim, apenas acrescida de ciência e cultura, seria ideal»¹⁵. Mais tarde, em 1976, após a inundação da aldeia de Vilarinho, dedicar-lhe-á um poema:

«REQUIEM

Viam a luz nas palhas de um curral,
Criavam-se na serra a guardar gado.
À rabiça do arado,
A perseguir a sombra nas lavradas,

¹² *Diário III*, p. 77.

¹³ *Diário IV*, pp. 112-3.

¹⁴ *Diário XII*, p. 152.

¹⁵ *Idem*, p. 114.

Aprendiam a ler
O alfabeto do suor honrado.
Até que se cansavam
De tudo o que sabiam,
E, gratos, recebiam
Sete palmos de paz num cemitério
E visitas e flores no dia de finados.
Mas, de repente, um muro de cimento
Interrompeu o canto
De um rio que corria
Nos ouvidos de todos.
E um Letes de silêncio represado
Cobre de esquecimento
Esse mundo sagrado
Onde a vida era um rito demorado
E a morte um segundo nascimento.»¹⁶

Vilarinho da Furna aonde gostava de ir de vez em quando «presenciar a harmonia social em pleno funcionamento, sem polícias fardados ou à paisana. Dava-me contentamento ver a lei moral a pulsar quente e consciente nos corações, e a entre-ajuda espontânea a produzir os seus frutos. Regressava de lá com um pouco mais de esperança nos outros e em mim»¹⁷.

Percorre, guiado por um contrabandista 'celta, loiro e de olhinho azul' que dizia: «— Acredite que não trocava a minha vida pela de nenhum rei! Gosto tanto destas penedias, que, se me tirassem um pedaço de uma, dava conta!»¹⁸, a Serra Amarela, visitando as casarotas, os dólmens que os pastores

¹⁶ *Diário XII*, p. 154.

¹⁷ *Diário X*, p. 12.

¹⁸ *Diário III*, p. 107.

estão a desturir e insurge-se contra os Serviços Florestais: «isto por causa dos excessos e das incompreensões dos serviços florestais, que estão a matar o pastoreio e a reduzir algumas terras montanhesas à miséria»¹⁹.

A origem transmontana e a simplicidade de um serrano vão ter um papel preponderante no seu carácter, de tal modo que a serra do Gerês virá a constituir, para o poeta, um lenitivo de tal modo importante que, em 1952, num espaço de apenas dez anos, já era a décima segunda vez que frequentava aquelas paragens. A empatia entre o seu génio e a serra revela-se na obra através da opção pelo rigor e pelo difícil:

«Excursão à Borrageirinha, uma soberba meda de granito erguida numa paisagem lunar, que não descrevo. Há certos recantos da natureza para os quais não existem palavras nem tinta (...) Perfeitamente possesso da inexprimível grandeza que me envolvia, tirei-me da pequenez habitual e cometi naquele cenário imprevisto uma das loucuras mais bonitas da minha vida. Subi o fragão pelo seu lado menos acessível e mais perigoso»²⁰.

Também dá largas ao gosto pelas alturas e pelos picos das montanhas: «Ergue-se a pino ao céu como uma lança; / Ergue-se a pino e sobe na ilusão; / Até que a flor do ímpeto se cansa / E cai morta no chão. // Mas a raiz do Sonho não desiste; / Subir, subir ao céu alto e fechado!»²¹; «Subida

¹⁹ *Idem*, p. 106.

²⁰ *Diário VI*, p. 111.

²¹ *Diário II*, p. 63.

à Calcedónia, uma das coroas de glória cá da serra. A tarde estava como um veludo, e as fragas, amolecidas pela luz, pareciam broas de pão a arrefecer. Do alto, a paisagem era dum aconchego de berço»²²; «Despedida da serra. Quatro horas a trepar para chegar ao alto da Borrageira. Sobre o Talefe, a 1433 metros, invadiu-me uma estranha sensação de que não estava a dizer um adeus provisório àqueles cumes, mas a perder para sempre um pedaço do mundo. Já não é a primeira vez que tal me acontece»²³.

Miguel Torga divinizava estes montes, «o pé do Cabril, a Borrageira, o Altar de Cabrões e a Calcedónia, ao longe, parecem deuses solenes, com as cabeças envoltas na fofa bruma das nuvens»²⁴, daí o seu culto a estas divindades telúricas: «rezei orações pagãs no Altar de Cabrões, antes de subir à Nevosa e aos Cornos da Fonte Fria»²⁵. O autor gostava de passar o seu aniversário calcorreando estes montes: «Sempre que me encontro aqui, quando chega este dia, perco-me pelas fragas. Vou fazer anos à Calcedónia, ao Cabril ou à Borrageira — aos picos mais altos da Montanha»²⁶. Para este, subir e descer montanhas é como refastelar-se com um lauto banquete: «O dia inteiro a ruminar o banquete de ontem, pantagruélico festim de serras e horizontes, que teve como iguaria

²² *Diário VI*, p. 109.

²³ *Idem*, p. 115.

²⁴ *Diário III*, p. 25.

²⁵ *Portugal*, p. 25.

²⁶ *Diário VII*, p. 196.

suprema a descida do Velão ao cair da tarde»²⁷. Reparemos que, para o autor, a montanha é uma divindade telúrica. Também o carvalho o deixou fascinado: «tantas vezes me tenho lembrado da paciência deste carvalho! Por que não faço eu como ele, e não espero calmamente pelo que há-de vir, bom ou mau, triste ou alegre, mas inevitável?»²⁸ Um dos mais belos poemas escritos nestas paragens é dedicado a esta árvore:

«A UM CARVALHO

Eis o pai da montanha, o bíblico Moisés
Vegetal!

Falou com Deus, também...

E debaixo dos pés, inanimada, tem

A lei da vida em pedra natural!

Forte como um destino,

Calmo como um pastor;

E sempre pontual e matutino

A receber o frio e o calor!

Barbas, rugas e veias

De gigante.

Mas, sobretudo, braços!

Longos e negros desmedidos traços,

Gestos solenes duma fé constante...

Folhas verdes à volta do desejo

Que amadurece.

E nos olhos a prece

Da eternidade.

²⁷ *Idem*, p. 199.

²⁸ *Idem*, p. 193.

Eis o pai da montanha, o fálico pagão
Que se veste de neve, e guarda a mocidade
No coração!»²⁹

Não será, também, a um carvalho que se refere no poema *INICIAÇÃO* no *Diário VII*? Vejamos um extracto: «O sagrado tem caule e tem raízes, / É uma presença muda e vegetal... / Folhas — línguas discretas / Que nem mesmo os poetas / Devem ouvir...»³⁰

Torga avança com uma explicação para este endeusamento da natureza: «É possível que esta paixão telúrica que me faz divinizar as fragas, os rios e os carvalhos signifique, afinal de contas, que não consegui desembaraçar-me da placenta de ovelha que o destino me atirou à figura como certo inimigo fez a Maomé. Mas não me desagrada a hipótese. (...) Bem rústicas parecem as urzes, e a abelha tira das suas flores mel perfumado. Nada mais agressivo do que um silveiredo, e o melro faz o ninho no meio dele»³¹.

Torga demanda o Gerês, lugar paradisíaco, não só para fins medicinais, mas, sobretudo, para descansar. Aqui encontra a acalmia e a tranquilidade que a vida citadina lhe não permite: «Creio que já necessito destas curas tanto fisiológica como psicologicamente. A par das misérias do corpo, sinto tais misérias na alma, que, juntamente com a dose da água, preciso de igual dose de solidão»³².

²⁹ *Diário V*, p. 117.

³⁰ *Diário VII*, p. 194.

³¹ *Idem*, pp. 149-150.

³² *Idem*, p. 147.

A confirmá-lo temos dois poemas escritos no Gerês com o mesmo título significativo: *REPOUSO*³³.

Recordemos, ainda, o poema *PÁTRIA*, escrito na Pedra Bela em Agosto de 1942 e vejamos o efeito laxativo que a serra exerce sobre este amante da natureza: «Serra! E qualquer coisa dentro de mim se acalma... / Qualquer coisa profunda e dolorida, / Traída, / Feita de terra / E de Alma. // Uma paz de falcão na sua altura / A medir as fronteiras: / — Sob a garra dos pés a fraga dura, / E o bico a picar estrelas verdadeiras...»³⁴ Como refere no poema *NIRVANA*, 'a paz das montanhas' constitui um 'alívio certo'. O seu apego pela serra é de tal ordem «que quase podia jurar que levava agarradas a mim estas penedias se alguém me suspendesse agora do céu»³⁵.

Finalmente, uma referência ao parque Tude de Sousa que, na opinião de Miguel Torga, é «o mais belo que conheço». Continuemos com o autor na sua descrição:

«Tutelados pela montanha, dois milagres entrelaçados: o milagre do que estava e o milagre de o não estragar. Ciclónicos calhaus rolados adormecidos no leito do ribeiro, trutas a nadar, carvalhos centenários a reflectir a pujança na limpidez da corrente, eucaliptos pernaltas a furar o tecto da folhagem e a perderem-se no céu, naves góticas de tilias rescentes onde ressoa a música das águas batidas, e manchas de sol peneirado a colorir o chão, num derrame de luz»³⁶.

³³ *Diário VII*, p. 151 e *Diário IV*, p. 82.

³⁴ *Diário II*, p. 57.

³⁵ *Diário IX*, p. 129.

³⁶ *Diário XII*, p. 120.

3. O carácter

A passagem que se segue define, quanto a nós na perfeição, o carácter de Miguel Torga: «Sou, na verdade, um geófago insaciável, necessitado diariamente de alguns quilómetros de nutrição. Devoro planícies como se engolisse bolachas de água e sal, e atiro-me às serranias como à broa da infância. É fisiológico, isto»³⁷. Se a esta associarmos um curto diálogo extraído do *Diário X*, fica o retrato completo:

«A felicidade dos suficientes!

— Eu nunca falhei!

E só lhe pude responder alanceado, como num gemido:

— Pois eu falhei sempre»³⁸.

Perante o exposto, podemos traçar o perfil deste homem como alguém que vive atento ao pormenor que o rodeia e que descreve com inusitado realismo, tanto uma mulherzinha que anda no monte a apanhar lenha e que o olha 'com uns doces olhos de ovelha tosquiada pela vida', como uma folha de tília que passa uma manhã a balançar, ou uma situação mais dramática como um parto na montanha: «O que valeu foi uma tendeira contar ali ao natural um parto que teve no alto da serra, dentro dum palão. O canivete do marido cortou o cordão umbilical, as linhas foram as de um botão

³⁷ *Diário VIII*, p. 149.

³⁸ *Diário X*, p. 96.

do casaco, e o miúdo foi-nos mostrado são e escor-reito como a única nota viva e santa da festa»³⁹.

Sendo Torga um homem que gostava da liberdade que a montanha, com com seus penedos e horizontes vastos, proporciona, como se autocaracterizava: «o pouco que sou devo-o às fragas. Foi a pisá-las que aprendi a conhecer a dureza do mundo e a admirar o ímpeto que se não resigna à lisa sonolência duma paz interior espalmada»⁴⁰, aspirando à «nobreza ativa dos penedos», não nos surpreende que o poeta se sentisse mal dentro de um consultório: «A vida de consultório é triste. Não entra aqui uma pessoa que traga alegria, que traga paz, que traga sonho, que traga qualquer daquelas asas que nos libertam dos caminhos duros e monótonos da vida»⁴¹.

Não gostava de receber dinheiro pelas consultas, visto julgar-se 'um sujeito de bata branca a negociar em saúde'. Considerava-se perdido na cidade e aspirava a um local onde pudesse espraiair a vista.

Apesar do muito que fez, quer como médico, quer como poeta, era um eterno insatisfeito: «Absurda, a minha natureza, pelo facto de apenas ter conseguido o medíocre, nega-se a dar à esperança os meios de conseguir o suficiente»⁴².

³⁹ *Diário III*, p. 75.

⁴⁰ *Diário VII*, p. 26.

⁴¹ *Diário II*, p. 84.

⁴² *Diário XI*, p. 132.

4. A crítica

Como observador atento, Torga é sensível ao que o rodeia e preocupa-se com o que se passa no seu país: «Este Portugal é assim: meio natural, meio segregado. O natural é de pedra, duro, onde só o sal das lágrimas e do suor consegue abrir uma cova e plantar uma vide; o segregado é de bosta de gente e de ovelha, de sargaço e de mexilhão, e é roubado aos ribeiros e ao mar»⁴³. Quanto à dignidade do ser humano, pertence, quase em exclusividade, ao povo:

«Em Portugal, decentemente, só se pode ser cavador. Apenas a mantear terra um homem atinge nesta pátria a perfeita dignidade da espécie. (...) Mal largamos o enxadão e subimos um degrau na escalada social, corrompe-nos não sei que lepra, que já não há simplicidade possível, nem grandeza correspondente. (...) Colaborar nas alegrias e tristezas do semelhante, trocar palavras, ideias e sentimentos, só os componentes de uma roga, os companheiros de uma vessada, os que a fraternidade do suor amalgama na sinceridade e honradez do natural. Os civilizados, aqui, são os analfabetos»⁴⁴.

Noutra passagem, refere-se ao papel que o espírito deve desempenhar como 'guia' e 'freio' do comportamento humano, pois, «enquanto o homem é capaz de se reconhecer nos próprios erros, o mal não é grave. A tragédia começa quando ele, relapso nos vícios e perversões, se vê no espelho da cons-

⁴³ *Diário V*, p. 77.

⁴⁴ *Diário VII*, pp. 26-27.

ciência como um monumento de dignidade e de duração»⁴⁵. Palavras lapidares dignas de figurar em todos os códigos deontológicos!

4.1. *Social*

As termas, locais tradicionalmente dados ao ócio e frequentados por todas as camadas sociais que ali acorrem, quer para tratamento, quer para descanso, com todos os seus aspectos fúteis e exibicionistas, oferecem motivos mais que suficientes para conversas e reflexões que deixam transparecer uma crítica social, por vezes, mordaz: «Nestas estâncias hidrológicas é que se avalia com rigor aproximado a fundura da nossa degradação social. (...) É um nunca acabar de ladroeiras, de torpezas, de covardias, de conivências, de simulações. (...) E, às tantas, o coro é tão unísono, tão agoirento e pungente, que parece uma encomendação funérea da alma pátria»⁴⁶.

Analisando o comportamento dos aquistas, rapidamente se dá conta que campeia 'a falta de carácter' e que as termas tanto podem ser *passerelles* onde se exibem 'passagens de modelos hepáticos', como um palco onde se tem 'a impressão de assistir a uma representação de loucos': «É engraçado observar a comédia da vida portuguesa neste palco termal de três pisos. O povo, a pequena

⁴⁵ *Diário V*, p. 37.

⁴⁶ *Diário IX*, p. 188.

burguesia e a alta finança, todos doentes, mas cada qual a fazer o seu papel o melhor que pode»⁴⁷. Já, anteriormente, escrevera que havia qualquer coisa de 'vida de palco' no quotidiano termal: «chego e é como se ouvisse as três pancadas de Molière e o pano subisse»⁴⁸.

De certa maneira, podemos afirmar que o escritor acha repelente a vida social das termas, principalmente certas 'donas' a quem respondeu da seguinte maneira: «— Olhe, eu tenho mais respeito por um animal do que por vocês. Ao menos uma cadela pare, amamenta os filhos, não tem vícios e é natural. Vocês passam a vida a levantar e a abaixar as saias conforme as ordens de Paris, a pôr na cabeça quantas parvoíces vos lembram (...)»⁴⁹.

A partir de 1966, as estadas nas termas geresianas vão rareando. Como o seu *diário* de 3 de Agosto deixa antever, a vida social das termas não o motiva: «estes ociosos dias termais são ainda mais tóxicos do que os meses de lufa-lufa no trabalho duro. Rumina-se. E como só há desilusões para regurgitar, envenena-se a gente a esmoê-las»⁵⁰. No ano seguinte, a mesma desilusão: «cá estou eu represado como as águas do Cávado. (...) Senhoras, ao lado, casam e descasam filhas, políticos despeitados aviltam hoje o que glorificaram ontem, os jornais informam do que vai pelo mundo»⁵¹.

⁴⁷ *Diário VIII*, p. 150.

⁴⁸ *Diário VII*, p. 191.

⁴⁹ *Diário II*, p. 75.

⁵⁰ *Diário X*, p. 96.

⁵¹ *Idem*, p. 138.

Só se sentia plenamente feliz calcorreando as montanhas e subindo aos penedos onde podia encher, de ar puro, os pulmões.

4.2. *Política*

Amante da liberdade, não nos surpreende a incompreensão manifestada perante a barreira que a 'tranqueira' na fronteira da Portela do Homem representa: «A tranqueira, atravessada, barrava o caminho sem razão que se visse; o guarda parecia um oráculo fardado (...)»⁵².

Como defensor da liberdade, o que lhe valeu ser preso, insurge-se contra aqueles que são incapazes de se questionarem de tão habituados que estão a obedecer: «Tento mas não há diálogo possível com esta gente do outro lado da barricada. De tal modo lhe torceram o entendimento, aclimataram-na tão completamente à densidade duma atmosfera de submissão, de tirania sem tirano visível, a um ambiente de mediocridade sem acidentes incómodos, (...) que toda a palavra livre, insubmissa, frontal, lhe parece um fenómeno»⁵³.

Ao observar certas figuras públicas apelidadas de 'celebridades nacionais', passeando rua abaixo, rua acima, não resiste a contrapor, à falsidade e pequenez de tais seres, a verdade e a grandeza dos montes: «E é num íntimo sentimento de desforra que agradeço ao destino ter-nos dado, no

⁵² *Diário IX*, p. 183.

⁵³ *Diário VIII*, p. 46.

meio de tanto bafio, meia dúzia de píncaros arejados, que não deixam o falso poder, a falsa moral, a falsa inteligência, o falso saber e a falsa glória pôr junto deles o pé em ramo verde»⁵⁴.

Na última visita a Vilarinho das Furnas antes da inundação, em Agosto de 1968, insurge-se, de novo, contra os Serviços Florestais, o super-Estado, o capitalismo, que transforma 'às várzeas de cultivo em albufeiras — ponto final das suas possibilidades de vida', depois de ter espoliado «estes povos pastoris do espaço montanhês de que necessitavam para manter os rebanhos, de onde tiravam o melhor da alimentação — o leite, o queijo e a carne — e alicerçavam a economia — a lã, as crias e as peles»⁵⁵.

O último registo de Torga no Gerês, em Julho de 1977, é, uma vez mais, uma crítica à classe política: «Os nossos políticos andam ao desafio. Cada qual quer ser mais irresponsável do que o parceiro. E consegue-o sempre»⁵⁶.

4.3. Religiosa

Também as muitas festas religiosas, nomeadamente a romaria em honra de São Bento da Porta Aberta, em Rio Caldo, levaram Torga a questionar-se sobre a igreja e a afirmar: «Não há dúvida: desde o românico que o catolicismo vive em plena

⁵⁴ *Diário IX*, p. 79.

⁵⁵ *Diário XI*, p. 11.

⁵⁶ *Diário XIII*, p. 10.

heresia»⁵⁷, isto depois de uma peregrinação aos monumentos da Ribeira Lima.

A um padre que lhe falava sobre a mentalidade evoluída e progressiva de alguns membros da igreja, respondeu: «É certo (...) Mas actuaram sempre como motoristas apressados de um grande carrão moroso. Nunca chegaram a tempo»⁵⁸.

Em S. Bento, ao observar como os romeiros almofadavam os joelhos para não se magoarem, ao mesmo tempo que se apercebia que outros aproveitavam a romaria para uns namoriscos, não resistiu a esta tirada plena de ironia: «O Minho inteiro neste paraíso, a satisfazer furtivamente o cio e sofisticadamente a devoção. A saciar a luxúria das maneiras mais inesperadas, e a dar voltas ao adro de joelhos almofadados. Onde o formalismo insiste, acaba a naturalidade e a religiosidade. Fica uma farsa compósita, nem bacanal inteira, nem crença profunda»⁵⁹.

Também não lhe passou despercebida a promessa de um romeiro que, em vez de mortificar o corpo, fez a promessa de deitar meia dúzia de foguetes todos os anos enquanto vivesse: «pegava ele lume à pólvora dos morteiros e deixava-os subir. E ao lado da colectiva devoção rasteira, encheu-me de esperança aquela solitária devoção alada. A fé numa humanidade de astronautas, que, em vez de mortificar o corpo a remir graças imaginárias, entre

⁵⁷ *Diário VIII*, p. 46.

⁵⁸ *Idem*, p. 82.

⁵⁹ *Diário IV*, p. 112.

pelo céu dentro a exhibir desportivamente diante de Deus a alegria de viver»⁶⁰.

5. A música

À primeira vista, pode parecer descabido falarmos de música em Miguel Torga. Todavia, lendo com um pouco de atenção os poemas escritos na serra do Gerês, rapidamente nos apercebemos de que esta é, praticamente, uma constante. Logo em 1942 se refere a 'um ribeiro turístico' que passa por baixo da janela do seu quarto e que 'canta pelas fragas que é um regalo ouvi-lo'. É desta música natural que o autor nos fala e que tanto pode ser a 'melodia' da água a correr nas fontes, como no poema *ÁGUA*, ou 'Os acordes da lira / Audíveis no silêncio do cenário' de *NIRVANA*, ou o apelo a uma canção humilde de *PEQUENA PRECE*, ou, ainda, o metamorfosear de um ribeiro em sereia:

«A UM RIBEIRO INQUIETO

Canta,
Masculina sereia, com garganta
De pedra!
Abre um leque de som neste silêncio
De pesadelos...
Corta os negros cabelos
Da montanha,
E atira à perdição sonora

⁶⁰ *Diário X*, p. 97.

Do teu leito...
O poema imperfeito
E a solidão pesada
Sabem que a madrugada
Corre na voz molhada do teu peito!»⁶¹

Outros poderíamos transcrever, como *ACORDE FLORESTAL*, *PASSEIO*, *PROSTRAÇÃO*, etc.

6. O prenúncio do fim

Com o passar dos anos, começou a surgir uma certa saturação: «desde que aqui vim pela primeira vez que o deslumbramento decresce. (...) A serra continua a ser bela e majestosa, mas como aquelas mulheres belas e majestosas que depois de algum tempo de intimidade já não nos apetezem, sem que o instinto possa discernir se é ele que se fartou, se são elas que lhe dão fartura»⁶². Continua, no entanto, a gostar de rever certas paisagens mais do que de reler alguns livros: 'são belas como eles, e nunca envelhecem'.

Em 1968, já se sente que o corpo do grande poeta começa a ser minado pela doença: «Por mais que tente erguer o ânimo à altura destes píncaros, a vontade nega a obedecer ao desejo. Não trago horizontes de falcão nos olhos... Pareço uma formiga a ver tudo ao nível do chão. Ao nível do meu sofrimento»⁶³. Relacionemos esta passagem com o

⁶¹ *Diário V*, p. 114.

⁶² *Diário VII*, p. 32.

⁶³ *Diário XI*, p. 10.

poema escrito na Pedra Bela em 1942, onde refere um falcão com as garras na 'fraga dura, / e o bico a picar estrelas verdadeiras...' O falcão Miguel Torga já não se sentia com forças para grandes voos!

Na sua estada no Gerês, em 1975, deixa transparecer uma certa apatia perante a vida e que se revela não só na poesia: «É o mesmo rio a cantar contente, / E o mesmo ócio vegetal a ouvi-lo. / É o mesmo céu tranquilo / A reflectir-se na sua pureza», mas também na prosa: «É uma desgraça quando a gente chega a uma encruzilhada da vida em que nem tem razões para viver nem para morrer»⁶⁴.

Na última passagem escrita na estância gere-siana, o desespero é de tal ordem que nem a serra, que outrora tanto o atraía, o motiva: «Em vez de me perder como outrora, pela serra, a encher os olhos da única realidade que hoje vale a pena em Portugal, a paisagem, passo as horas sentado em frente da rádio ou da televisão, na ânsia de uma notícia de esperança. Tal é o meu desespero»⁶⁵.

Conclusão

Neste éden, onde Torga presta culto aos deuses das florestas, às dríades e hamadriades, e a toda a plêiade de Panes e Faunos que as habitam, só resta prostrarmo-nos com o autor:

⁶⁴ *Diário XII*, pp. 121-122.

⁶⁵ *Diário XIII*, p. 10.

«PROSTRAÇÃO

Um melro junta a voz à do ribeiro.
E a dupla melodia
É uma aposta feliz no dia
Que amanhece.
Mas a luz acordada permanece
Triste.
Uma sombra resiste
Ao seu abraço.
A sombra que de mim se alarga ao mundo inteiro,
E é como um cansaço
Total e derradeiro...»⁶⁶

⁶⁶ *Diário XII*, p. 123.



ÍNDICE

| | |
|--|-----|
| NOTA PRÉVIA | IX |
| APRESENTAÇÃO | XI |
| PREFÁCIO — A HARPA DO FUTURO | XV |
| Antologia | |
| <i>DIARIO II</i> | 1 |
| <i>DIARIO III</i> | 13 |
| <i>DIARIO IV</i> | 25 |
| <i>DIARIO V</i> | 31 |
| <i>DIARIO VI</i> | 41 |
| <i>DIARIO VII</i> | 51 |
| <i>DIARIO VIII</i> | 75 |
| <i>DIARIO XI</i> | 85 |
| <i>DIARIO X</i> | 101 |
| <i>DIARIO XI</i> | 111 |
| <i>DIARIO XII</i> | 119 |
| <i>DIARIO XIII</i> | 131 |
| Apêndice: «Miguel Torga e a Serra do Gerês», por <i>António José Ferreira Afonso</i> | 137 |

COMPOSTO E IMPRESSO
NAS OFICINAS GRÁFICAS DE
BARBOSA & XAVIER, LDA.,
BRAGA . AGOSTO . 1999

